UNE ✦ SACRA

Tradições Chinesas

Analectos

✦ ✦ ✦

Confúcio e seus discípulos

Tradução (edição 1.6)

Créditos

Autor	Confúcio e seus discípulos
Data	séculos V–IV a.C.
Idioma original	Chinês clássico
Versão	Tradução (edição 1.6)
Tradução	Tradução popular, a partir da versão inglesa de James Legge
Fonte	Project Gutenberg — Confucian Analects, tr. James Legge (3330)
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

Coletânea de ditos e diálogos de Confúcio (Kong Fuzi, 551–479 a.C.) e de seus discípulos, reunida depois da sua morte.

Em 20 livros curtos, trata do "homem superior" (junzi), da benevolência (ren), da piedade filial, dos ritos e da conduta correta, do estudo e do bom governo, e retrata o próprio Mestre no dia a dia. É o texto central do confucionismo.

Por quase dois mil anos foi leitura obrigatória nos exames imperiais que escolhiam os funcionários do Estado chinês, e moldou a ética de toda a Ásia oriental, da Coreia ao Japão e ao Vietnã.

Os ditos são curtos e muitas vezes surgem como resposta a uma pergunta concreta de um discípulo; daqui vem a máxima "não faça aos outros o que não deseja para si".

Fonte: https://www.gutenberg.org/ebooks/3330

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

Livro I

Livro II

Livro III

Livro IV

Livro V

Livro VI

Livro VII

Livro VIII

Livro IX

Livro X

Livro XI

Livro XII

Livro XIII

Livro XIV

Livro XV

Livro XVI

Livro XVII

Livro XVIII

Livro XIX

Livro XX

LIVRO I

✦

I.1

O Mestre disse: “Não é agradável aprender com perseverança e aplicação constantes?

“Não é motivo de alegria ter amigos que vêm de regiões distantes?

“Não é um homem de virtude completa aquele que não sente perturbação, ainda que os homens não reparem nele?”

I.2

O filósofo Yu disse: “São poucos os que, sendo filiais e fraternos, gostam de ofender os seus superiores. Não houve nenhum que, não gostando de ofender os seus superiores, gostasse de provocar a desordem.

“O homem superior volta a sua atenção para o que é fundamental. Estabelecido isso, todos os caminhos práticos crescem naturalmente. A piedade filial e a submissão fraterna! — não são elas a raiz de todas as ações benevolentes?”

I.3

O Mestre disse: “Palavras bonitas e um semblante insinuante raramente se associam à verdadeira virtude.”

I.4

O filósofo Tsang disse: “Examino-me diariamente em três pontos: se, ao tratar de negócios por outros, não terei sido fiel; se, no trato com os amigos, não terei sido sincero; se não terei deixado de dominar e praticar as instruções do meu mestre.”

I.5

O Mestre disse: “Para governar um país de mil carros, é preciso atenção respeitosa aos negócios e sinceridade; economia nas despesas e amor pelos homens; e emprego do povo nas estações próprias.”

I.6

O Mestre disse: “Um jovem, em casa, deve ser filial e, fora dela, respeitoso para com os mais velhos. Deve ser sério e verdadeiro. Deve transbordar de amor por todos e cultivar a amizade dos bons. Quando tiver tempo e ocasião, depois de cumprir estas coisas, deve empregá-los em estudos refinados.”

I.7

Tsze-hsia disse: “Se um homem desvia a mente do amor à beleza e a aplica com igual sinceridade ao amor do virtuoso; se, ao servir os pais, é capaz de empregar toda a sua força; se, ao servir o seu príncipe, é capaz de dar a vida; se, no trato com os amigos, as suas palavras são sinceras: ainda que os homens digam que ele não estudou, eu certamente direi que estudou.”

I.8

O Mestre disse: “Se o erudito não for grave, não despertará veneração alguma, e o seu saber não será sólido.

“Tem a fidelidade e a sinceridade como primeiros princípios.

“Não tenhas amigos que não sejam iguais a ti.

“Quando tiveres faltas, não temas abandoná-las.”

I.9

O filósofo Tsang disse: “Haja cuidadosa atenção em realizar os ritos fúnebres aos pais, e sejam eles seguidos, muito depois de partirem, pelas cerimônias de sacrifício; então a virtude do povo recuperará a sua devida excelência.”

I.10

Tsze-ch'in perguntou a Tsze-kung, dizendo: “Quando o nosso mestre chega a algum país, não deixa de se informar de tudo sobre o seu governo. Pede ele essas informações? Ou são-lhe dadas?”

Tsze-kung disse: “O nosso mestre é benigno, reto, cortês, moderado e condescendente, e assim obtém as suas informações. O modo de o mestre pedir informações! — não é diferente do dos outros homens?”

I.11

O Mestre disse: “Enquanto o pai de um homem está vivo, observa a inclinação da sua vontade; quando o pai está morto, observa a sua conduta. Se durante três anos não se afastar do caminho do pai, pode ser chamado filial.”

I.12

O filósofo Yu disse: “Na prática das regras do decoro, deve prezar-se uma naturalidade espontânea. Nos caminhos prescritos pelos antigos reis, esta é a qualidade excelente, e nas coisas pequenas e grandes nós os seguimos.

“Porém, ela não deve ser observada em todos os casos. Se alguém, sabendo como tal naturalidade deve ser prezada, a manifesta sem regulá-la pelas regras do decoro, isso também não deve ser feito.”

I.13

O filósofo Yu disse: “Quando os acordos são feitos segundo o que é justo, o que se diz pode ser cumprido. Quando se mostra respeito segundo o que é próprio, fica-se longe da vergonha e da desonra. Quando as pessoas em quem um homem se apoia são pessoas próprias para a intimidade, ele pode fazer delas os seus guias e mestres.”

I.14

O Mestre disse: “Aquele que aspira a ser um homem de virtude completa não procura satisfazer o apetite na comida, nem procura na sua morada os confortos do bem-estar; é diligente no que faz e cuidadoso na fala; frequenta a companhia de homens de princípios para ser corrigido: de tal pessoa pode-se de fato dizer que ama aprender.”

I.15

Tsze-kung disse: “Que dizes do pobre que, no entanto, não bajula, e do rico que não é orgulhoso?” O Mestre respondeu: “Servem; mas não se igualam àquele que, embora pobre, é alegre, e àquele que, embora rico, ama as regras do decoro.”

Tsze-kung respondeu: “Diz-se no Livro da Poesia: ‘Como quem corta e depois lima, como quem entalha e depois pule.’ O sentido é o mesmo, julgo, do que acabas de exprimir.”

O Mestre disse: “Com alguém como Ts'ze, posso começar a falar das odes. Disse-lhe um ponto, e ele soube a sua devida sequência.”

I.16

O Mestre disse: “Não me afligirei por os homens não me conhecerem; afligir-me-ei por eu não conhecer os homens.”

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO II

✦

II.1

O Mestre disse: “Aquele que exerce o governo por meio da sua virtude pode ser comparado à estrela polar do norte, que mantém o seu lugar e todas as estrelas se voltam para ela.”

II.2

O Mestre disse: “No Livro da Poesia há trezentas peças, mas o propósito de todas elas pode ser abarcado numa só frase: ‘Não ter pensamentos depravados.’”

II.3

O Mestre disse: “Se o povo for conduzido por leis e se procurar dar-lhe uniformidade por meio de castigos, tentará evitar o castigo, mas não terá senso de vergonha.

“Se for conduzido pela virtude e se procurar dar-lhe uniformidade pelas regras do decoro, terá o senso de vergonha e, ademais, tornar-se-á bom.”

II.4

O Mestre disse: “Aos quinze anos, tinha a mente voltada para o estudo.

“Aos trinta, mantinha-me firme.

“Aos quarenta, não tinha dúvidas.

“Aos cinquenta, conhecia os decretos do Céu.

“Aos sessenta, o meu ouvido era um órgão dócil para a recepção da verdade.

“Aos setenta, podia seguir o que o meu coração desejava sem transgredir o que era justo.”

II.5

Mang I perguntou o que era a piedade filial. O Mestre disse: “É não ser desobediente.”

Pouco depois, enquanto Fan Ch'ih lhe conduzia o carro, o Mestre contou-lhe, dizendo: “Mang-sun perguntou-me o que era a piedade filial, e eu lhe respondi: ‘não ser desobediente’.”

Fan Ch'ih disse: “Que querias dizer?” O Mestre respondeu: “Que os pais, quando vivos, sejam servidos segundo o decoro; que, quando mortos, sejam sepultados segundo o decoro; e que lhes sejam oferecidos sacrifícios segundo o decoro.”

II.6

Mang Wu perguntou o que era a piedade filial. O Mestre disse: “Os pais estão ansiosos com receio de que os filhos adoeçam.”

II.7

Tsze-yu perguntou o que era a piedade filial. O Mestre disse: “A piedade filial de hoje significa o sustento dos pais. Mas os cães e os cavalos também são capazes de fazer algo à maneira de sustento; sem reverência, o que há para distinguir um sustento do outro?”

II.8

Tsze-hsia perguntou o que era a piedade filial. O Mestre disse: “A dificuldade está no semblante. Se, quando os mais velhos têm assuntos penosos, os jovens tomam sobre si o trabalho, e se, quando os jovens têm vinho e comida, os põem diante dos mais velhos, deve ISTO ser considerado piedade filial?”

II.9

O Mestre disse: “Conversei com Hui um dia inteiro, e ele não fez nenhuma objeção a nada do que eu disse, como se fosse estúpido. Retirou-se, e eu examinei a sua conduta longe de mim e o achei capaz de ilustrar os meus ensinamentos. Hui! — Ele não é estúpido.”

II.10

O Mestre disse: “Vê o que um homem faz.

“Nota os seus motivos.

“Examina em que coisas ele repousa.

“Como pode um homem ocultar o seu caráter?

Como pode um homem ocultar o seu caráter?”

II.11

O Mestre disse: “Se um homem continua a cultivar o seu saber antigo de modo a estar sempre adquirindo um novo, pode ser mestre de outros.”

II.12

O Mestre disse: “O erudito consumado não é um utensílio.”

II.13

Tsze-kung perguntou o que constituía o homem superior. O Mestre disse: “Ele age antes de falar e depois fala de acordo com as suas ações.”

II.14

O Mestre disse: “O homem superior é universal e não partidário. O homem mesquinho é partidário e não universal.”

II.15

O Mestre disse: “Aprender sem pensar é trabalho perdido; pensar sem aprender é perigoso.”

II.16

O Mestre disse: “O estudo de doutrinas estranhas é de fato prejudicial!”

II.17

O Mestre disse: “Yu, devo ensinar-te o que é o conhecimento? Quando sabes uma coisa, sustentar que a sabes; e quando não sabes uma coisa, admitir que não a sabes: isto é conhecimento.”

II.18

Tsze-chang estudava com vista a obter emolumentos oficiais.

O Mestre disse: “Ouve muito e põe de lado os pontos de que duvidas, falando ao mesmo tempo com cautela dos outros: então darás poucas ocasiões para censura. Vê muito e põe de lado as coisas que parecem perigosas, sendo ao mesmo tempo cauteloso ao pôr em prática as outras: então terás poucas ocasiões para arrependimento. Quando alguém dá poucas ocasiões para censura nas palavras e poucas ocasiões para arrependimento na conduta, está no caminho de obter emolumentos.”

II.19

O Duque Ai perguntou, dizendo: “Que se deve fazer para assegurar a submissão do povo?” Confúcio respondeu: “Promove os retos e afasta os tortos, e o povo se submeterá. Promove os tortos e afasta os retos, e o povo não se submeterá.”

II.20

Chi K'ang perguntou como fazer o povo reverenciar o seu governante, ser-lhe fiel e animar-se à virtude. O Mestre disse: “Que ele os presida com gravidade; então o reverenciarão. Que seja filial e bondoso para com todos; então lhe serão fiéis. Que promova os bons e ensine os incapazes; então procurarão ansiosamente ser virtuosos.”

II.21

Alguém se dirigiu a Confúcio, dizendo: “Senhor, por que não estás ocupado no governo?”

O Mestre disse: “Que diz o Shu-ching da piedade filial? — ‘És filial, cumpres os teus deveres fraternos. Estas qualidades se manifestam no governo.’ Isto também, por conseguinte, constitui o exercício do governo. Por que há de ser preciso AQUILO — estar alguém no governo?”

II.22

O Mestre disse: "Não sei como um homem sem veracidade há de seguir adiante. Como se pode fazer andar um carro grande sem a travessa para atrelar os bois, ou um carro pequeno sem o arranjo para atrelar os cavalos?"

II.23

Tsze-chang perguntou se os assuntos de dez gerações depois poderiam ser conhecidos.

Confúcio disse: "A dinastia Yin seguiu as normas dos Hsia: o que lhes tirou ou acrescentou pode ser conhecido. A dinastia Chau seguiu as normas dos Yin: o que lhes tirou ou acrescentou pode ser conhecido. Alguma outra poderá seguir os Chau, mas, ainda que esteja à distância de cem gerações, os seus assuntos podem ser conhecidos."

II.24

O Mestre disse: "Um homem sacrificar a um espírito que não lhe pertence é bajulação.

"Ver o que é justo e não o fazer é falta de coragem."

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO III

✦

III.1

Confúcio disse do chefe da família Chi, que tinha oito fileiras de pantomimos no seu pátio: “Se ele é capaz de suportar fazer isto, o que não será capaz de suportar fazer?”

III.2

As três famílias usavam a ode YUNG enquanto se retiravam os vasos, ao término do sacrifício. O Mestre disse: “‘Assistem os príncipes; o filho do céu parece profundo e grave’ — que aplicação podem ter estas palavras no salão das três famílias?”

III.3

O Mestre disse: “Se um homem não tem as virtudes próprias da humanidade, que tem ele a ver com os ritos do decoro? Se um homem não tem as virtudes próprias da humanidade, que tem ele a ver com a música?”

III.4

Lin Fang perguntou qual era a primeira coisa a atender nas cerimônias.

O Mestre disse: “Grande pergunta, de fato!

“Nas cerimônias festivas, é melhor ser parco do que extravagante. Nas cerimônias de luto, é melhor que haja profunda tristeza do que atenção minuciosa às formalidades.”

III.5

O Mestre disse: “As tribos rudes do leste e do norte têm os seus príncipes, e não são como os Estados da nossa grande terra, que estão sem eles.”

III.6

O chefe da família Chi estava para oferecer sacrifício à montanha T'ai. O Mestre disse a Zan Yu: “Não podes livrá-lo disto?” Ele respondeu: “Não posso.” Confúcio disse: “Ai! Dirás que a montanha T'ai não tem tanto discernimento quanto Lin Fang?”

III.7

O Mestre disse: “O estudante da virtude não tem contendas. Se se disser que não pode evitá-las, será no tiro com arco? Mas ele se inclina cortesmente diante dos seus competidores; assim sobe ao salão, desce e exige a prenda de beber. Na sua contenda, ele continua a ser o Chun-tsze.”

III.8

Tsze-hsia perguntou, dizendo: “Qual é o sentido da passagem: ‘As lindas covinhas do seu sorriso astuto! O preto e o branco bem definidos dos seus olhos! O fundo liso para as cores?’”

O Mestre disse: “O trabalho de pôr as cores vem depois (da preparação do) fundo liso.”

“Então as cerimônias são uma coisa posterior?” O Mestre disse: “É Shang quem sabe trazer à luz o meu sentido. Agora posso começar a falar com ele das odes.”

III.9

O Mestre disse: “Eu poderia descrever as cerimônias da dinastia Hsia, mas Chi não pode atestar suficientemente as minhas palavras. Poderia descrever as cerimônias da dinastia Yin, mas Sung não pode atestar suficientemente as minhas palavras. (Não podem fazê-lo) por causa da insuficiência dos seus registros e dos seus sábios. Se estes fossem suficientes, eu poderia aduzi-los em apoio das minhas palavras.”

III.10

O Mestre disse: “No grande sacrifício, depois de derramada a libação, não tenho desejo de olhar.”

III.11

Alguém perguntou o sentido do grande sacrifício. O Mestre disse: “Não sei. Quem conhecesse o seu sentido acharia tão fácil governar o reino quanto olhar para isto”, apontando para a palma da mão.

III.12

Ele oferecia sacrifícios aos mortos como se estivessem presentes. Oferecia sacrifícios aos espíritos como se os espíritos estivessem presentes.

O Mestre disse: “Considero o não estar eu presente no sacrifício como se não sacrificasse.”

III.13

Wang-sun Chia perguntou, dizendo: “Qual é o sentido do dito: ‘É melhor cortejar o fogão do que o canto sudoeste’?”

O Mestre disse: “Não é assim. Quem ofende o Céu não tem a quem rezar.”

III.14

O Mestre disse: “Chau teve a vantagem de observar as duas dinastias passadas. Quão completas e elegantes são as suas normas! Eu sigo Chau.”

III.15

O Mestre, quando entrou no grande templo, perguntou sobre tudo. Alguém disse: "Quem dirá que o filho do homem de Tsau conhece as regras do decoro! Entrou no grande templo e pergunta sobre tudo." O Mestre ouviu a observação e disse: "Isto é uma regra do decoro."

III.16

O Mestre disse: "No tiro com arco, o principal não é atravessar o couro, porque a força das pessoas não é igual. Este era o modo antigo."

III.17

Tsze-kung queria abolir a oferenda de um carneiro ligada à inauguração do primeiro dia de cada mês.

O Mestre disse: "Ts'ze, tu amas o carneiro; eu amo a cerimônia."

III.18

O Mestre disse: "A plena observância das regras do decoro ao servir o próprio príncipe é tida pelo povo como bajulação."

III.19

O Duque Ting perguntou como um príncipe deve empregar os seus ministros e como os ministros devem servir o seu príncipe. Confúcio respondeu: "Um príncipe deve empregar o seu ministro segundo as regras do decoro; os ministros devem servir o seu príncipe com fidelidade."

III.20

O Mestre disse: “O Kwan Tsu exprime alegria sem ser licencioso, e tristeza sem ser danosamente excessivo.”

III.21

O Duque Ai perguntou a Tsai Wo sobre os altares dos espíritos da terra. Tsai Wo respondeu: “O soberano Hsia plantou à volta deles o pinheiro; os homens de Yin plantaram o cipreste; e os homens de Chau plantaram o castanheiro, querendo com isso fazer o povo ficar temeroso.”

Quando o Mestre ouviu isto, disse: “Das coisas que estão feitas, é inútil falar; das coisas que seguiram o seu curso, é inútil protestar; das coisas que passaram, é inútil censurar.”

III.22

O Mestre disse: “Pequena, de fato, era a capacidade de Kwan Chung!”

Alguém disse: “Era Kwan Chung parcimonioso?” “Kwan”, foi a resposta, “tinha o San Kwei, e os seus oficiais não acumulavam funções; como pode ser considerado parcimonioso?”

“Então, conhecia Kwan Chung as regras do decoro?” O Mestre disse: “Os príncipes dos Estados têm um biombo que intercepta a vista às suas portas. Kwan também tinha um biombo à sua porta. Os príncipes dos Estados, em qualquer encontro amistoso entre dois deles, tinham um suporte para pôr as taças viradas. Kwan também tinha tal suporte. Se Kwan conhecia as regras do decoro, quem não as conhece?”

III.23

O Mestre, instruindo o grande mestre de música de Lu, disse: “Como tocar música pode ser conhecido. No começo da peça, todas as partes devem soar juntas. À medida que avança, devem estar em harmonia, sendo cada uma distinta e fluindo sem interrupção, e assim até o fim.”

III.24

O guarda da fronteira em Yi pediu para ser apresentado ao Mestre, dizendo: “Quando homens de virtude superior vieram até aqui, nunca me foi negado o privilégio de vê-los.” Os seguidores do sábio o apresentaram e, quando ele saiu da entrevista, disse: “Meus amigos, por que vos afligis com a perda do cargo do vosso mestre? O reino está há muito tempo sem os princípios da verdade e da justiça; o Céu vai usar o vosso mestre como um sino com badalo de madeira.”

III.25

O Mestre disse do Shao que era perfeitamente belo e também perfeitamente bom. Disse do Wu que era perfeitamente belo, mas não perfeitamente bom.

III.26

O Mestre disse: “Alta posição ocupada sem generosidade indulgente; cerimônias realizadas sem reverência; luto conduzido sem tristeza: com que ânimo eu contemplaria tais modos?”

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO IV

✦

IV.1

O Mestre disse: “São os costumes virtuosos que constituem a excelência de uma vizinhança. Se um homem, ao escolher residência, não se fixar numa onde eles prevaleçam, como pode ser sábio?”

IV.2

O Mestre disse: “Os que não têm virtude não podem permanecer muito tempo nem numa condição de pobreza e privação, nem numa condição de gozo. Os virtuosos repousam na virtude; os sábios desejam a virtude.”

IV.3

O Mestre disse: “Só o homem (verdadeiramente) virtuoso pode amar ou odiar os outros.”

IV.4

O Mestre disse: “Se a vontade estiver voltada para a virtude, não haverá prática de maldade.”

IV.5

O Mestre disse: “As riquezas e as honras são o que os homens desejam. Se não puderem ser obtidas do modo devido, não devem ser retidas. A pobreza e a baixeza são o que os homens detestam. Se não puderem ser evitadas do modo devido, não devem ser evitadas.

“Se um homem superior abandona a virtude, como pode cumprir as exigências desse nome?

“O homem superior não age contra a virtude nem durante o tempo de uma só refeição. Nos momentos de pressa, apega-se a ela. Nos tempos de perigo, apega-se a ela.”

IV.6

O Mestre disse: “Não vi uma pessoa que amasse a virtude, nem uma que odiasse o que não era virtuoso. Quem amasse a virtude nada estimaria acima dela. Quem odiasse o que não é virtuoso praticaria a virtude de tal modo que não deixaria nada que não fosse virtuoso aproximar-se da sua pessoa.

“Há alguém capaz de aplicar a sua força à virtude durante um dia? Não vi caso em que a sua força fosse insuficiente.

“Se porventura houver tal caso, eu não o vi.”

IV.7

O Mestre disse: “As faltas dos homens são características da classe a que pertencem. Observando as faltas de um homem, pode-se saber que é virtuoso.”

IV.8

O Mestre disse: “Se um homem ouvir de manhã o caminho certo, pode morrer à tarde sem pesar.”

IV.9

O Mestre disse: “Um erudito que tem a mente voltada para a verdade e que se envergonha de roupas ruins e comida ruim não é digno de que se converse com ele.”

IV.10

O Mestre disse: “O homem superior, no mundo, não fixa a mente nem a favor de coisa alguma nem contra coisa alguma; o que é justo, isso ele seguirá.”

IV.11

O Mestre disse: “O homem superior pensa na virtude; o homem pequeno pensa no conforto. O homem superior pensa nas sanções da lei; o homem pequeno pensa nos favores que pode receber.”

IV.12

O Mestre disse: “Quem age com vista constante à própria vantagem será muito murmurado.”

IV.13

O Mestre disse: “Se um príncipe é capaz de governar o seu reino com a deferência própria das regras do decoro, que dificuldade terá? Se não pode governá-lo com essa deferência, que tem ele a ver com as regras do decoro?”

IV.14

O Mestre disse: “Um homem deve dizer: Não me preocupa não ter posição; preocupa-me como me tornar apto para uma. Não me preocupa não ser conhecido; procuro ser digno de ser conhecido.”

IV.15

O Mestre disse: “Shan, a minha doutrina é a de uma unidade que tudo penetra.” O discípulo Tsang respondeu: “Sim.”

O Mestre saiu, e os outros discípulos perguntaram, dizendo: “Que significam as suas palavras?” Tsang disse: “A doutrina do nosso mestre é ser fiel aos princípios da nossa natureza e o exercício benevolente deles para com os outros; isto e nada mais.”

IV.16

O Mestre disse: “A mente do homem superior está familiarizada com a retidão; a mente do homem mesquinho está familiarizada com o ganho.”

IV.17

O Mestre disse: “Quando vemos homens de valor, devemos pensar em igualá-los; quando vemos homens de caráter contrário, devemos voltar-nos para dentro e examinar-nos a nós mesmos.”

IV.18

O Mestre disse: “Ao servir os pais, um filho pode admoestá-los, mas com brandura; quando vê que não se inclinam a seguir o seu conselho, mostra um grau maior de reverência, mas não abandona o seu propósito; e se o castigarem, não se permite murmurar.”

IV.19

O Mestre disse: “Enquanto os pais estão vivos, o filho não pode ir para longe. Se for para fora, deve ter um lugar fixo para onde vá.”

IV.20

O Mestre disse: “Se o filho durante três anos não se afastar do caminho do pai, pode ser chamado filial.”

IV.21

O Mestre disse: “Os anos dos pais não podem de modo algum deixar de ser guardados na memória, ao mesmo tempo como motivo de alegria e de temor.”

IV.22

O Mestre disse: “A razão por que os antigos não davam facilmente expressão às suas palavras era que temiam que as suas ações não estivessem à altura delas.”

IV.23

O Mestre disse: “Os cautelosos raramente erram.”

IV.24

O Mestre disse: “O homem superior deseja ser lento na fala e diligente na conduta.”

IV.25

O Mestre disse: “A virtude não fica sozinha. Quem a pratica terá vizinhos.”

IV.26

Tsze-yu disse: “Ao servir um príncipe, admoestações frequentes levam à desgraça. Entre amigos, repreensões frequentes tornam a amizade distante.”

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO V

✦

V.1

O Mestre disse de Kung-ye Ch'ang que se lhe podia dar esposa; embora tivesse sido posto em grilhões, não fora culpado de crime algum. Por isso, deu-lhe a própria filha como esposa.

De Nan Yung disse que, se o país fosse bem governado, ele não ficaria sem cargo, e, se fosse mal governado, escaparia ao castigo e à desonra. Deu-lhe como esposa a filha do seu irmão mais velho.

V.2

O Mestre disse de Tsze-chien: "De virtude superior, de fato, é tal homem! Se não houvesse homens virtuosos em Lu, como teria este homem adquirido este caráter?"

V.3

Tsze-kung perguntou: "Que dizes de mim, Ts'ze?" O Mestre disse: "És um utensílio." "Que utensílio?" "Um utensílio sacrificial ornado de pedras preciosas."

V.4

Alguém disse: “Yung é verdadeiramente virtuoso, mas não tem a língua pronta.”

O Mestre disse: “De que serve ter a língua pronta? Os que enfrentam os homens com espertezas de linguagem, na maior parte das vezes, atraem para si o ódio. Não sei se ele é verdadeiramente virtuoso, mas por que haveria de mostrar prontidão de língua?”

V.5

O Mestre desejava que Ch'i-tiao K'ai entrasse num cargo oficial. Ele respondeu: “Ainda não sou capaz de repousar na segurança DISTO.” O Mestre ficou contente.

V.6

O Mestre disse: “As minhas doutrinas não avançam. Subirei a uma jangada e flutuarei pelo mar. Quem me acompanhará será Yu, ouso dizer.” Tsze-lu, ouvindo isto, ficou contente, ao que o Mestre disse: “Yu gosta mais da ousadia do que eu. Não exerce o seu juízo sobre as coisas.”

V.7

Mang Wu perguntou sobre Tsze-lu, se era perfeitamente virtuoso. O Mestre disse: “Não sei.”

Ele perguntou de novo, e o Mestre respondeu: “Num reino de mil carros, Yu poderia ser empregado para dirigir as levas militares, mas não sei se é perfeitamente virtuoso.”

“E que dizes de Ch'iu?” O Mestre respondeu: “Numa cidade de mil famílias, ou num clã de cem carros, Ch'iu poderia ser empregado como governador, mas não sei se é perfeitamente virtuoso.”

“Que dizes de Ch'ih?” O Mestre respondeu: “Com a faixa cingida e de pé numa corte, Ch'ih poderia ser empregado para conversar com os visitantes e hóspedes, mas não sei se é perfeitamente virtuoso.”

V.8

O Mestre disse a Tsze-kung: “Quem consideras superior, tu ou Hui?”

Tsze-kung respondeu: “Como ousaria comparar-me com Hui? Hui ouve um ponto e sabe tudo sobre um assunto; eu ouço um ponto e sei um segundo.”

O Mestre disse: “Não és igual a ele. Concedo-te: não és igual a ele.”

V.9

Estando Tsai Yu a dormir durante o dia, o Mestre disse: “Madeira podre não pode ser entalhada; um muro de terra suja não recebe a colher de pedreiro. Este Yu! — de que serve repreendê-lo?”

O Mestre disse: “A princípio, o meu modo com os homens era ouvir as suas palavras e dar crédito à sua conduta. Agora o meu modo é ouvir as suas palavras e observar a sua conduta. Foi com Yu que aprendi a fazer esta mudança.”

V.10

O Mestre disse: “Não vi um homem firme e inflexível.” Alguém respondeu: “Há Shan Ch'ang.” “Ch'ang”, disse o Mestre, “está sob a influência das suas paixões; como pode ser declarado firme e inflexível?”

V.11

Tsze-kung disse: “O que não desejo que os homens me façam, também desejo não fazer aos homens.” O Mestre disse: “Ts'ze, não chegaste a isso.”

V.12

Tsze-kung disse: “As manifestações pessoais dos princípios do Mestre e as suas descrições ordinárias deles podem ser ouvidas. Os seus discursos sobre a natureza do homem e o caminho do Céu não podem ser ouvidos.”

V.13

Quando Tsze-lu ouvia alguma coisa, se ainda não tinha conseguido pô-la em prática, só temia ouvir outra coisa.

V.14

Tsze-kung perguntou, dizendo: “Por que razão Kung-wan recebeu aquele título de Wan?” O Mestre disse: “Era de natureza ativa e, porém, gostava de aprender, e não se envergonhava de perguntar e aprender com os seus inferiores! — Por estas razões foi chamado Wan.”

V.15

O Mestre disse de Tsze-ch'an que tinha quatro das características de um homem superior: na conduta de si mesmo, era humilde; ao servir os seus superiores, era respeitoso; ao nutrir o povo, era bondoso; ao ordenar o povo, era justo.

V.16

O Mestre disse: “Yen P'ing sabia bem manter o trato amistoso. O conhecimento podia ser longo, mas ele mostrava o mesmo respeito que no início.”

V.17

O Mestre disse: “Tsang Wan guardava uma grande tartaruga numa casa, em cujos capitéis dos pilares mandara fazer montes, e com representações de lentilhas-d'água nos pequenos pilares acima das vigas que sustentavam os caibros. De que espécie era a sua sabedoria?”

V.18

Tsze-chang perguntou, dizendo: “O ministro Tsze-wan três vezes assumiu o cargo e não mostrou alegria no semblante. Três vezes se retirou do cargo e não mostrou desagrado. Fazia questão de informar o novo ministro do modo como tinha conduzido o governo; que dizes dele?” O Mestre respondeu: “Era leal.” “Era perfeitamente virtuoso?” “Não sei. Como pode ser declarado perfeitamente virtuoso?”

Tsze-chang prosseguiu: “Quando o oficial Ch'ui matou o príncipe de Ch'i, Ch'an Wan, embora fosse dono de quarenta cavalos, abandonou-os e deixou o país. Chegando a outro Estado, disse: ‘Aqui são como o nosso grande oficial Ch'ui’, e deixou-o. Chegou a um segundo Estado e, com a mesma observação, deixou-o também; que dizes dele?” O Mestre respondeu: “Era puro.” “Era perfeitamente virtuoso?” “Não sei. Como pode ser declarado perfeitamente virtuoso?”

V.19

Chi Wan pensava três vezes e depois agia. Quando o Mestre foi informado disso, disse: “Duas vezes bastam.”

V.20

O Mestre disse: “Quando a boa ordem prevalecia no seu país, Ning Wu fazia o papel de homem sábio. Quando o seu país estava em desordem, fazia o papel de homem estúpido. Outros podem igualar a sua sabedoria, mas não podem igualar a sua estupidez.”

V.21

Quando o Mestre estava em Ch'an, disse: “Deixai-me voltar! Deixai-me voltar! As criancinhas da minha escola são ambiciosas e apressadas demais. São talentosas e completas até certo ponto, mas não sabem como se conter e se moldar.”

V.22

O Mestre disse: “Po-i e Shu-ch'i não guardavam na memória as maldades passadas dos homens, e por isso os ressentimentos dirigidos contra eles eram poucos.”

V.23

O Mestre disse: “Quem diz de Wei-shang Kao que é reto? Alguém lhe pediu um pouco de vinagre, e ele o pediu a um vizinho e o deu ao homem.”

V.24

O Mestre disse: “Palavras bonitas, um semblante insinuante e respeito excessivo: Tso Ch'iu-ming envergonhava-se deles. Eu também me envergonho deles. Ocultar o ressentimento contra uma pessoa e parecer amistoso com ela: Tso Ch'iu-ming envergonhava-se de tal conduta. Eu também me envergonho dela.”

V.25

Estando Yen Yuan e Chi Lu ao seu lado, o Mestre lhes disse: “Vamos, que cada um de vós diga os seus desejos.”

Tsze-lu disse: “Gostaria, tendo carros e cavalos e roupas leves de pele, de reparti-los com os meus amigos, e, ainda que os estragassem, não ficaria desgostoso.”

Yen Yuan disse: “Gostaria de não me gabar da minha excelência nem fazer alarde dos meus feitos meritórios.”

Tsze-lu então disse: “Gostaria, senhor, de ouvir os vossos desejos.” O Mestre disse: “São, quanto aos idosos, dar-lhes repouso; quanto aos amigos, mostrar-lhes sinceridade; quanto aos jovens, tratá-los com ternura.”

V.26

O Mestre disse: “Está tudo acabado! Ainda não vi alguém que pudesse perceber as suas faltas e acusar-se interiormente.”

V.27

O Mestre disse: “Num lugarejo de dez famílias pode encontrar-se alguém honrado e sincero como eu, mas não tão amante do estudo.”

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO VI

✦

VI.1

O Mestre disse: “Aí está Yung! — Poderia ocupar o lugar de um príncipe.”

Chung-kung perguntou sobre Tsze-sang Po-tsze. O Mestre disse: “Pode passar. Não se importa com coisas pequenas.”

Chung-kung disse: “Se um homem cultiva em si um sentimento reverente da necessidade de atenção aos negócios, ainda que seja descontraído nas coisas pequenas ao governar o povo, isso pode ser admitido. Mas se cultiva em si esse sentimento descontraído e também o põe em prática, não é tal modo de proceder excessivamente descontraído?”

O Mestre disse: “As palavras de Yung estão certas.”

VI.2

O Duque Ai perguntou qual dos discípulos amava aprender. Confúcio respondeu-lhe: “Havia Yen Hui; ELE amava aprender. Não transferia a sua ira; não repetia uma falta. Infelizmente, o seu tempo designado foi curto, e ele morreu; e agora não há outro igual. Ainda não ouvi falar de ninguém que ame aprender como ele.”

VI.3

Estando Tsze-hwa empregado numa missão a Ch'i, o discípulo Zan pediu grão para a mãe dele. O Mestre disse: “Dá-lhe um fu.” Yen pediu mais. “Dá-lhe um yu”, disse o Mestre. Yen deu-lhe cinco ping.

O Mestre disse: “Quando Ch'ih partiu para Ch'i, tinha cavalos gordos no seu carro e vestia peles leves. Ouvi dizer que o homem superior ajuda os aflitos, mas não acrescenta à riqueza dos ricos.”

Tendo Yuan Sze sido feito governador da sua cidade pelo Mestre, este lhe deu novecentas medidas de grão, mas Sze as recusou.

O Mestre disse: “Não as recuses. Não podes distribuí-las pelas vizinhanças, lugarejos, vilas e aldeias?”

VI.4

O Mestre, falando de Chung-kung, disse: “Se o bezerro de uma vaca malhada for ruivo e tiver chifres, ainda que os homens não queiram usá-lo, os espíritos das montanhas e dos rios o poriam de lado?”

VI.5

O Mestre disse: “Assim era Hui, que durante três meses não havia na sua mente nada contrário à virtude perfeita. Os outros podem alcançar isto em alguns dias ou em alguns meses, mas nada mais.”

VI.6

Chi K'ang perguntou sobre Chung-yu, se era apto para ser empregado como oficial do governo. O Mestre disse: “Yu é homem de decisão; que dificuldade acharia em ser oficial do governo?” K'ang perguntou: “É Ts'ze apto para ser empregado como oficial do governo?” e foi-lhe respondido: “Ts'ze é homem de inteligência; que dificuldade acharia em ser oficial do governo?” E à mesma pergunta sobre Ch'iu o Mestre deu a mesma resposta, dizendo: “Ch'iu é homem de capacidades variadas.”

VI.7

O chefe da família Chi mandou pedir a Min Tsze-ch'ien que fosse governador de Pi. Min Tsze-ch'ien disse: “Recusai a oferta por mim com polidez. Se alguém vier de novo a mim com um segundo convite, serei obrigado a ir viver nas margens do Wan.”

VI.8

Estando Po-niu doente, o Mestre foi visitá-lo. Tomou-lhe a mão pela janela e disse: “Isto o está matando. É a determinação do Céu, ai! Que tal homem tenha tal doença! Que tal homem tenha tal doença!”

VI.9

O Mestre disse: “Admirável, de fato, era a virtude de Hui! Com uma só tigela de bambu de arroz, uma só cabaça de bebida, e vivendo na sua pobre e estreita viela, enquanto outros não teriam suportado a aflição, ele não deixava a sua alegria ser afetada por isso. Admirável, de fato, era a virtude de Hui!”

VI.10

Yen Ch'iu disse: “Não é que eu não me deleite nas vossas doutrinas, mas a minha força é insuficiente.” O Mestre disse: “Os que têm força insuficiente desistem no meio do caminho, mas agora tu te limitas a ti mesmo.”

VI.11

O Mestre disse a Tsze-hsia: “Sê um erudito ao estilo do homem superior, e não ao do homem mesquinho.”

VI.12

Sendo Tsze-yu governador de Wu-ch'ang, o Mestre lhe disse: “Tens lá homens bons?” Ele respondeu: “Há Tan-t'ai Mieh-ming, que ao andar nunca toma atalhos e nunca vem ao meu gabinete senão por assuntos públicos.”

VI.13

O Mestre disse: “Mang Chih-fan não se gaba do seu mérito. Estando na retaguarda numa ocasião de fuga, quando estavam para entrar pelo portão, chicoteou o cavalo, dizendo: ‘Não é que eu ouse ser o último. O meu cavalo não queria avançar.’”

VI.14

O Mestre disse: “Sem a fala especiosa do liturgista T'o e a beleza do príncipe Chao de Sung, é difícil escapar na era presente.”

VI.15

O Mestre disse: “Quem pode sair senão pela porta? Como é que os homens não querem andar segundo estes caminhos?”

VI.16

O Mestre disse: “Onde as qualidades sólidas excedem os refinamentos, temos rusticidade; onde os refinamentos excedem as qualidades sólidas, temos os modos de um escrevente. Quando os refinamentos e as qualidades sólidas estão igualmente combinados, temos então o homem de virtude.”

VI.17

O Mestre disse: “O homem nasce para a retidão. Se um homem perde a sua retidão e, no entanto, vive, o seu escapar da morte é efeito de mera boa sorte.”

VI.18

O Mestre disse: “Os que conhecem a verdade não se igualam aos que a amam, e os que a amam não se igualam aos que nela se deleitam.”

VI.19

O Mestre disse: “Aos que têm talentos acima da mediocridade, os temas mais elevados podem ser anunciados. Aos que estão abaixo da mediocridade, os temas mais elevados não podem ser anunciados.”

VI.20

Fan Ch'ih perguntou o que constituía a sabedoria. O Mestre disse: “Dedicar-se seriamente aos deveres devidos aos homens e, respeitando os seres espirituais, manter-se afastado deles pode ser chamado sabedoria.” Perguntou sobre a virtude perfeita. O Mestre disse: “O homem de virtude faz da dificuldade a vencer o seu primeiro cuidado, e do êxito apenas uma consideração posterior: isto pode ser chamado virtude perfeita.”

VI.21

O Mestre disse: “Os sábios encontram prazer na água; os virtuosos encontram prazer nas colinas. Os sábios são ativos; os virtuosos são tranquilos. Os sábios são alegres; os virtuosos vivem muito.”

VI.22

O Mestre disse: “Ch'i, com uma mudança, chegaria ao Estado de Lu. Lu, com uma mudança, chegaria a um Estado onde predominassem os verdadeiros princípios.”

VI.23

O Mestre disse: “Um vaso angular sem ângulos. — Estranho vaso angular! Estranho vaso angular!”

VI.24

Tsai Wo perguntou, dizendo: “Um homem benevolente, ainda que lhe digam: ‘Há um homem no poço’, entrará atrás dele, suponho.” Confúcio disse: “Por que haveria de fazê-lo? Um homem superior pode ser levado a ir até o poço, mas não pode ser levado a descer nele. Pode ser enganado, mas não pode ser feito de tolo.”

VI.25

O Mestre disse: “O homem superior, estudando amplamente todo o saber e mantendo-se sob a restrição das regras do decoro, pode assim também não ultrapassar o que é justo.”

VI.26

Tendo o Mestre visitado Nan-tsze, Tsze-lu ficou desgostoso, ao que o Mestre jurou, dizendo: “Se agi impropriamente, que o Céu me rejeite, que o Céu me rejeite!”

VI.27

O Mestre disse: “Perfeita é a virtude que está de acordo com o Meio Constante! Rara tem sido, por muito tempo, a sua prática entre o povo.”

VI.28

Tsze-kung disse: “Suponde o caso de um homem que concede amplamente benefícios ao povo e é capaz de ajudar a todos; que diríeis dele? Poderia ser chamado perfeitamente virtuoso?” O Mestre disse: “Por que falar só de virtude a respeito dele? Não deve ter as qualidades de um sábio? Mesmo Yao e Shun ainda se preocupavam com isto.

“Ora, o homem de virtude perfeita, desejando firmar-se a si mesmo, procura também firmar os outros; desejando engrandecer-se a si mesmo, procura também engrandecer os outros.

“Ser capaz de julgar os outros pelo que está perto de nós mesmos: isto pode ser chamado a arte da virtude.”

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO VII

✦

VII.1

O Mestre disse: “Transmissor e não criador, crendo nos antigos e amando-os, ouso comparar-me ao nosso velho P'ang.”

VII.2

O Mestre disse: “Entesourar em silêncio o conhecimento; aprender sem saciedade; e instruir os outros sem se cansar: qual destas coisas me pertence?”

VII.3

O Mestre disse: “Deixar a virtude sem o devido cultivo; não discutir a fundo o que se aprende; não ser capaz de avançar para a retidão de que se obteve conhecimento; e não ser capaz de mudar o que não é bom: estas são as coisas que me causam inquietação.”

VII.4

Quando o Mestre estava desocupado de negócios, os seus modos eram descontraídos, e ele parecia contente.

VII.5

O Mestre disse: “Extrema é a minha decadência. Há muito tempo não sonho, como costumava, que vi o duque de Chau.”

VII.6

O Mestre disse: “Que a vontade esteja posta no caminho do dever.

“Que toda conquista no que é bom seja firmemente agarrada.

“Que se esteja de acordo com a virtude perfeita.

“Que o descanso e o prazer sejam encontrados nas artes refinadas.”

VII.7

O Mestre disse: “Desde o homem que traz o seu feixe de carne seca pelo meu ensino, para cima, nunca recusei instrução a ninguém.”

VII.8

O Mestre disse: “Não revelo a verdade a quem não está ansioso por obter conhecimento, nem ajudo quem não está ansioso por explicar-se. Quando apresentei a alguém um canto de um assunto, e ele não consegue a partir dele aprender os outros três, não repito a minha lição.”

VII.9

Quando o Mestre comia ao lado de alguém de luto, nunca comia até se saciar.

Não cantava no mesmo dia em que tinha chorado.

VII.10

O Mestre disse a Yen Yuan: "Quando chamado a um cargo, assumir os seus deveres; quando não chamado, permanecer retirado: só eu e tu chegamos a isto."

Tsze-lu disse: "Se tivésseis a condução dos exércitos de um grande Estado, quem teríeis para agir convosco?"

O Mestre disse: "Não teria para agir comigo aquele que, desarmado, ataca um tigre ou atravessa um rio sem barco, morrendo sem nenhum pesar. O meu companheiro deve ser o homem que vai à ação cheio de cautela, que gosta de ajustar os seus planos e depois os executa."

VII.11

O Mestre disse: "Se a busca de riquezas tivesse êxito seguro, ainda que tivesse de me tornar cavalariço de chicote na mão para obtê-las, eu o faria. Como a busca pode não ter êxito, seguirei aquilo que amo."

VII.12

As coisas a respeito das quais o Mestre exercia a maior cautela eram: o jejum, a guerra e a doença.

VII.13

Quando o Mestre estava em Ch'i, ouviu o Shao e durante três meses não soube o gosto da carne. "Não pensei", disse ele, "que a música pudesse ser feita tão excelente como esta."

VII.14

Yen Yu disse: "Está o nosso Mestre a favor do governante de Wei?" Tsze-kung disse: "Oh! Vou perguntar-lhe."

Entrou, pois, e disse: "Que espécie de homens eram Po-i e Shu-ch'i?" "Eram dignos antigos", disse o Mestre. "Lamentaram-se por causa do caminho que seguiram?" O Mestre respondeu de novo: "Procuraram agir virtuosamente e assim fizeram; de que haveriam de se lamentar?" Com isto, Tsze-kung saiu e disse: "O nosso Mestre não está a favor dele."

VII.15

O Mestre disse: "Com arroz grosseiro para comer, água para beber e o braço dobrado por travesseiro, tenho ainda alegria no meio destas coisas. Riquezas e honras adquiridas pela injustiça são para mim como uma nuvem que passa."

VII.16

O Mestre disse: “Se alguns anos fossem acrescentados à minha vida, eu daria cinquenta ao estudo do Yi, e então poderia vir a estar sem grandes faltas.”

VII.17

Os temas frequentes dos discursos do Mestre eram as Odes, a História e a manutenção das Regras do Decoro. Sobre todos estes discorria com frequência.

VII.18

O Duque de Sheh perguntou a Tsze-lu sobre Confúcio, e Tsze-lu não lhe respondeu.

O Mestre disse: “Por que não lhe disseste: É simplesmente um homem que, na sua busca ansiosa (do conhecimento), esquece a comida; que, na alegria de alcançá-lo, esquece as tristezas; e que não percebe que a velhice está chegando?”

VII.19

O Mestre disse: “Não sou alguém que nasceu de posse do conhecimento; sou alguém que ama a antiguidade e é diligente em buscá-lo nela.”

VII.20

Os assuntos de que o Mestre não falava eram: coisas extraordinárias, proezas de força, desordem e seres espirituais.

VII.21

O Mestre disse: "Quando ando junto com outros dois, eles podem servir-me de mestres. Escolherei as suas boas qualidades e as seguirei, e as suas más qualidades, e as evitarei."

VII.22

O Mestre disse: "O Céu produziu a virtude que há em mim. Hwan T'ui — que me pode fazer?"

VII.23

O Mestre disse: "Pensais, meus discípulos, que tenho algo oculto? Nada vos oculto. Não há nada que eu faça que não vos seja mostrado, meus discípulos: esse é o meu modo."

VII.24

Havia quatro coisas que o Mestre ensinava: as letras, a ética, a devoção da alma e a veracidade.

VII.25

O Mestre disse: “Um sábio não me é dado ver; se pudesse ver um homem de verdadeiro talento e virtude, isso me satisfaria.”

O Mestre disse: “Um homem bom não me é dado ver; se pudesse ver um homem dotado de constância, isso me satisfaria.

“Não ter e, no entanto, fingir ter; estar vazio e, no entanto, fingir estar cheio; estar em apertos e, no entanto, fingir estar à vontade: é difícil, com tais características, ter constância.”

VII.26

O Mestre pescava com anzol, mas não usava rede. Atirava com flecha, mas não em aves pousadas.

VII.27

O Mestre disse: “Pode haver os que agem sem saber por quê. Eu não faço assim. Ouvir muito, escolher o que é bom e segui-lo; ver muito e guardá-lo na memória: este é o segundo grau do conhecimento.”

VII.28

Era difícil conversar (de modo proveitoso e honroso) com o povo de Hu-hsiang, e, tendo um rapaz daquele lugar tido uma entrevista com o Mestre, os discípulos ficaram em dúvida.

O Mestre disse: "Admito que as pessoas se aproximem de mim sem me comprometer quanto ao que farão depois de se retirarem. Por que haveríamos de ser tão severos? Se um homem se purifica para vir ter comigo, recebo-o assim purificado, sem garantir a sua conduta passada."

VII.29

O Mestre disse: "É a virtude uma coisa remota? Desejo ser virtuoso, e eis que a virtude está à mão."

VII.30

O ministro da justiça de Ch'an perguntou se o duque Chao conhecia o decoro, e Confúcio disse: "Conhecia o decoro."

Tendo Confúcio se retirado, o ministro fez sinal a Wu-ma Ch'i para se aproximar e disse: "Ouvi dizer que o homem superior não é partidário. Pode o homem superior ser também partidário? O príncipe casou-se com uma filha da casa de Wu, do mesmo sobrenome que ele, e chamou-a 'A mais velha Tsze de Wu'. Se o príncipe conhecia o decoro, quem não o conhece?"

Wu-ma Ch'i relatou estas observações, e o Mestre disse: "Sou afortunado! Se tenho algum erro, as pessoas certamente o conhecem."

VII.31

Quando o Mestre estava em companhia de alguém que cantava, se cantava bem, fazia-o repetir a canção, enquanto a acompanhava com a própria voz.

VII.32

O Mestre disse: "Nas letras, talvez eu seja igual aos outros homens, mas o caráter do homem superior, que põe em prática na sua conduta o que professa, é o que ainda não alcancei."

VII.33

O Mestre disse: "O sábio e o homem de virtude perfeita: como ousaria eu colocar-me entre eles? Pode-se simplesmente dizer de mim que me esforço por tornar-me tal sem saciedade e ensino os outros sem cansaço." Kung-hsi Hwa disse: "É precisamente nisto que nós, os discípulos, não podemos imitar-vos."

VII.34

Estando o Mestre muito doente, Tsze-lu pediu licença para rezar por ele. Ele disse: "Pode-se fazer tal coisa?" Tsze-lu respondeu: "Pode. Nos Elogios se diz: 'Rezou-se por ti aos espíritos dos mundos superior e inferior.'" O Mestre disse: "A minha oração vem de há muito tempo."

VII.35

O Mestre disse: “A extravagância leva à insubordinação, e a parcimônia, à mesquinhez. É melhor ser mesquinho do que insubordinado.”

VII.36

O Mestre disse: “O homem superior está satisfeito e sereno; o homem mesquinho está sempre cheio de aflição.”

VII.37

O Mestre era brando e, no entanto, digno; majestoso e, no entanto, não feroz; respeitoso e, no entanto, à vontade.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO VIII

✦

VIII.1

O Mestre disse: “De T'ai-po pode-se dizer que alcançou o ponto mais alto da ação virtuosa. Três vezes recusou o reino, e o povo, ignorando os seus motivos, não pôde exprimir a sua aprovação da sua conduta.”

VIII.2

O Mestre disse: “O respeito, sem as regras do decoro, torna-se agitação penosa; o cuidado, sem as regras do decoro, torna-se timidez; a ousadia, sem as regras do decoro, torna-se insubordinação; a franqueza, sem as regras do decoro, torna-se grosseria.

“Quando os que estão em altas posições cumprem bem todos os seus deveres para com os parentes, o povo é despertado para a virtude. Quando os velhos amigos não são negligenciados por eles, o povo é preservado da mesquinhez.”

VIII.3

Estando doente o filósofo Tsang, chamou a si os discípulos da sua escola e disse: “Descobri os meus pés, descobri as minhas mãos. Diz-se no Livro da Poesia: ‘Devemos ser apreensivos e cautelosos, como à beira de um abismo profundo, como quem pisa gelo fino’, e assim tenho sido. Agora e daqui em diante, sei que escapei de todo dano à minha pessoa, ó vós, meus filhinhos.”

VIII.4

Estando doente o filósofo Tsang, Meng Chang foi perguntar como ele estava.

Tsang disse-lhe: “Quando uma ave está para morrer, as suas notas são tristes; quando um homem está para morrer, as suas palavras são boas.

“Há três princípios de conduta que o homem de alta posição deve considerar especialmente importantes: que no porte e nos modos se afaste da violência e do descuido; que, ao regular o semblante, se mantenha perto da sinceridade; e que nas palavras e nos tons se mantenha longe da baixeza e da impropriedade. Quanto a assuntos como o cuidado dos vasos sacrificiais, há os oficiais próprios para isso.”

VIII.5

O filósofo Tsang disse: “Dotado de capacidade e, no entanto, fazendo perguntas aos que não o eram; possuidor de muito e, no entanto, fazendo perguntas aos que possuíam pouco; tendo, como se não tivesse; cheio e, no entanto, considerando-se vazio; ofendido e, no entanto, não entrando em altercação: outrora tive um amigo que seguia esta conduta.”

VIII.6

O filósofo Tsang disse: “Suponde que há um indivíduo a quem se pode confiar a guarda de um jovem príncipe órfão, que pode ser incumbido de autoridade sobre um Estado de cem li, e a quem nenhuma emergência, por grande que seja, pode afastar dos seus princípios: é tal homem um homem superior? É de fato um homem superior.”

VIII.7

O filósofo Tsang disse: “O oficial não pode estar sem largueza de espírito e vigorosa resistência. O seu fardo é pesado e o seu caminho é longo.

“A virtude perfeita é o fardo que ele considera seu sustentar; não é pesado? Só com a morte para o seu caminho; não é longo?”

VIII.8

O Mestre disse: “É pelas Odes que a mente é despertada.

“É pelas Regras do Decoro que o caráter é firmado.

“É da Música que se recebe o acabamento.”

VIII.9

O Mestre disse: “Pode-se fazer o povo seguir um caminho de ação, mas não se pode fazê-lo compreendê-lo.”

VIII.10

O Mestre disse: “O homem que gosta da ousadia e está descontente com a pobreza chegará à insubordinação. O mesmo fará o homem que não é virtuoso, quando se leva ao extremo a aversão por ele.”

VIII.11

O Mestre disse: “Ainda que um homem tenha capacidades tão admiráveis quanto as do Duque de Chau, se for orgulhoso e mesquinho, essas outras coisas realmente não valem a pena ser olhadas.”

VIII.12

O Mestre disse: “Não é fácil encontrar um homem que tenha estudado três anos sem vir a ser bom.”

VIII.13

O Mestre disse: "À fé sincera ele une o amor ao estudo; firme até a morte, aperfeiçoa a excelência do seu caminho.

"Tal homem não entrará num Estado vacilante, nem morará num desorganizado. Quando os princípios retos de governo prevalecem no reino, ele se mostrará; quando estão prostrados, manter-se-á oculto.

"Quando um país é bem governado, a pobreza e a condição baixa são coisas de que se envergonhar. Quando um país é mal governado, as riquezas e as honras são coisas de que se envergonhar."

VIII.14

O Mestre disse: "Quem não está num cargo determinado nada tem a ver com os planos para a administração dos seus deveres."

VIII.15

O Mestre disse: "Quando o mestre de música Chih entrou no seu cargo, o final do Kwan Tsu era magnífico; como enchia os ouvidos!"

VIII.16

O Mestre disse: "Ardente e, no entanto, não reto; estúpido e, no entanto, não atento; simples e, no entanto, não sincero: tais pessoas eu não compreendo."

VIII.17

O Mestre disse: “Aprende como se não pudesses alcançar o teu objetivo, e temendo sempre também perdê-lo.”

VIII.18

O Mestre disse: “Quão majestoso era o modo como Shun e Yu tinham a posse do império, como se não fosse nada para eles!”

VIII.19

O Mestre disse: “Grande, de fato, foi Yao como soberano! Quão majestoso era! Só o Céu é grandioso, e só Yao lhe correspondia. Quão vasta era a sua virtude! O povo não achava nome para ela.

“Quão majestoso era nas obras que realizou! Quão glorioso nas elegantes normas que instituiu!”

VIII.20

Shun tinha cinco ministros, e o império era bem governado.

O rei Wu disse: “Tenho dez ministros capazes.”

Confúcio disse: “Não é verdadeiro o dito de que os talentos são difíceis de encontrar? Só quando se encontraram as dinastias de T'ang e Yu foram eles mais abundantes do que nesta de Chau; porém, havia uma mulher entre eles. Os ministros capazes não eram mais do que nove homens.

“O rei Wan possuía duas das três partes do império e com elas servia a dinastia Yin. Pode-se dizer que a virtude da casa de Chau alcançou de fato o ponto mais alto.”

VIII.21

O Mestre disse: “Não encontro falha no caráter de Yu. Usava para si comida e bebida grosseiras, mas mostrava a máxima piedade filial para com os espíritos. As suas roupas ordinárias eram pobres, mas mostrava a máxima elegância no seu barrete e avental sacrificiais. Vivia numa casa baixa e pobre, mas gastava toda a sua força nas valas e canais de água. Não encontro nada que se pareça com uma falha em Yu.”

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO IX

✦

IX.1

Os assuntos de que o Mestre raramente falava eram: o proveito, e também os decretos do Céu, e a virtude perfeita.

IX.2

Um homem da aldeia de Ta-hsiang disse: “Grande, de fato, é o filósofo K'ung! O seu saber é extenso e, no entanto, ele não torna o seu nome famoso por nenhuma coisa em particular.”

O Mestre ouviu a observação e disse aos seus discípulos: “Que devo praticar? Devo praticar a condução de carros ou o tiro com arco? Praticarei a condução de carros.”

IX.3

O Mestre disse: “O barrete de linho é o prescrito pelas regras da cerimônia, mas agora usa-se um de seda. É mais econômico, e eu sigo o costume comum.

“As regras da cerimônia prescrevem a reverência abaixo do salão, mas agora o costume é fazer a reverência só depois de subir a ele. Isso é arrogante. Continuo a fazer a reverência abaixo do salão, ainda que me oponha ao costume comum.”

IX.4

Havia quatro coisas de que o Mestre estava completamente livre. Não tinha conclusões preconcebidas, nem predeterminações arbitrárias, nem obstinação, nem egoísmo.

IX.5

O Mestre foi posto em perigo em K'wang.

Ele disse: “Depois da morte do rei Wan, não ficou a causa da verdade alojada aqui, em mim?

“Se o Céu tivesse desejado deixar perecer esta causa da verdade, eu, um mortal posterior, não teria obtido tal relação com essa causa. Enquanto o Céu não deixar perecer a causa da verdade, que me pode fazer o povo de K'wang?”

IX.6

Um alto oficial perguntou a Tsze-kung, dizendo: “Não podemos dizer que o vosso Mestre é um sábio? Quão variada é a sua capacidade!”

Tsze-kung disse: “Certamente o Céu o dotou sem limites. Está perto de ser um sábio. E, ademais, a sua capacidade é variada.”

O Mestre soube da conversa e disse: “Conhece-me o alto oficial? Quando eu era jovem, a minha condição era baixa, e por isso adquiri capacidade em muitas coisas, mas eram coisas humildes. Deve o homem superior ter tal variedade de capacidades? Ele não precisa de variedade de capacidades.”

Lao disse: “O Mestre dizia: ‘Não tendo emprego oficial, adquiri muitas artes.’”

IX.7

O Mestre disse: “Estou de fato de posse do conhecimento? Não sou sabedor. Mas se uma pessoa humilde, que parece de todo vazia, me pergunta alguma coisa, exponho-a de uma ponta à outra e a esgoto.”

IX.8

O Mestre disse: “O pássaro FANG não vem; o rio não manda nenhum mapa: está tudo acabado comigo!”

IX.9

Quando o Mestre via uma pessoa em traje de luto, ou alguém com o barrete e as vestes de cima e de baixo do traje de cerimônia, ou um cego, ao vê-los aproximar-se, ainda que fossem mais jovens do que ele, levantava-se, e se tinha de passar por eles, fazia-o apressadamente.

IX.10

Yen Yuan, admirado das doutrinas do Mestre, suspirou e disse: “Olhei para elas, e pareciam tornar-se mais altas; tentei penetrá-las, e pareciam tornar-se mais firmes; olhei-as diante de mim, e subitamente pareciam estar atrás.

“O Mestre, com método ordenado, conduz habilmente os homens. Ampliou a minha mente com o saber e ensinou-me as restrições do decoro.

“Quando desejo abandonar o estudo das suas doutrinas, não consigo e, tendo empregado toda a minha capacidade, parece haver algo erguido diante de mim; mas, embora deseje segui-lo e agarrá-lo, realmente não acho meio de fazê-lo.”

IX.11

Estando o Mestre muito doente, Tsze-lu quis que os discípulos agissem como ministros dele.

Numa melhora da doença, ele disse: “Há muito tempo a conduta de Yu é enganosa! Fingindo ter ministros quando não os tenho, a quem enganaria eu? Enganaria o Céu?

“Ademais, em vez de morrer nas mãos de ministros, não é melhor que eu morra nas vossas mãos, meus discípulos? E, ainda que não tenha um grande enterro, morrerei eu na estrada?”

IX.12

Tsze-kung disse: “Há aqui uma bela joia. Devo guardá-la num estojo e conservá-la? Ou devo procurar um bom preço e vendê-la?” O Mestre disse: “Vende-a! Vende-a! Mas eu esperaria que alguém oferecesse o preço.”

IX.13

O Mestre desejava ir viver entre as nove tribos selvagens do leste.

Alguém disse: “São rudes. Como podeis fazer tal coisa?” O Mestre disse: “Se um homem superior morasse entre elas, que rudeza haveria?”

IX.14

O Mestre disse: “Voltei de Wei para Lu, e então a música foi reformada, e as peças dos Cantos Reais e dos Cantos de Louvor encontraram todas os seus devidos lugares.”

IX.15

O Mestre disse: “Fora de casa, servir os altos ministros e os nobres; em casa, servir o pai e os irmãos mais velhos; em todos os deveres para com os mortos, não ousar deixar de se esforçar; e não ser vencido pelo vinho: qual destas coisas alcanço eu?”

IX.16

O Mestre, de pé junto a um rio, disse: “Passa assim mesmo, sem cessar dia e noite!”

IX.17

O Mestre disse: “Não vi quem ame a virtude como ama a beleza.”

IX.18

O Mestre disse: “O prosseguimento do estudo pode ser comparado ao que acontece ao levantar um monte. Se falta apenas um cesto de terra para completar a obra e eu paro, a parada é obra minha. Pode ser comparado a lançar a terra no chão plano. Ainda que se lance só um cesto de cada vez, o avançar com ela é o meu próprio avançar.”

IX.19

O Mestre disse: “Nunca esmorecendo quando lhe exponho alguma coisa — ah! esse é Hui.”

IX.20

O Mestre disse de Yen Yuan: “Ai! Vi o seu avanço constante. Nunca o vi parar no seu progresso.”

IX.21

O Mestre disse: “Há casos em que o broto nasce, mas a planta não chega a florir! Há casos em que floresce, mas depois não se produz fruto algum!”

IX.22

O Mestre disse: “Um jovem deve ser olhado com respeito. Como sabemos que o seu futuro não igualará o nosso presente? Se chegar à idade de quarenta ou cinquenta anos e não se tiver feito ouvir, então, de fato, não merecerá ser olhado com respeito.”

IX.23

O Mestre disse: “Podem os homens recusar-se a assentir às palavras de severa admoestação? Mas é reformar a conduta por causa delas que tem valor. Podem os homens recusar-se a agradar-se de palavras de conselho brando? Mas é desenvolver o seu propósito que tem valor. Se um homem se agrada destas palavras, mas não desenvolve o seu propósito, e assente àquelas, mas não reforma a sua conduta, realmente nada posso fazer com ele.”

IX.24

O Mestre disse: “Tem a fidelidade e a sinceridade como primeiros princípios. Não tenhas amigos que não sejam iguais a ti. Quando tiveres faltas, não temas abandoná-las.”

IX.25

O Mestre disse: “O comandante das forças de um grande Estado pode ser levado embora, mas a vontade, mesmo de um homem comum, não lhe pode ser tirada.”

IX.26

O Mestre disse: “Vestido com um manto esfarrapado, acolchoado de cânhamo, e, no entanto, de pé ao lado de homens vestidos de peles, sem se envergonhar — ah! é Yu quem é capaz disto!

“‘Não detesta ninguém, nada cobiça: que pode ele fazer senão o que é bom!’”

Tsze-lu ficou a repetir continuamente estas palavras da ode, quando o Mestre disse: “Estas coisas de modo algum bastam para constituir a excelência (perfeita).”

IX.27

O Mestre disse: “Quando o ano se torna frio, então sabemos como o pinheiro e o cipreste são os últimos a perder as folhas.”

IX.28

O Mestre disse: “Os sábios estão livres de perplexidades; os virtuosos, de ansiedade; e os ousados, de medo.”

IX.29

O Mestre disse: “Há alguns com quem podemos estudar em comum, mas veremos que são incapazes de ir conosco até os princípios. Talvez possamos ir com eles até os princípios, mas veremos que são incapazes de se firmar neles junto conosco. Ou, se pudermos firmar-nos neles junto com eles, veremos que são incapazes de pesar conosco os acontecimentos que ocorrem.”

IX.30

Como as flores da ameixeira-álamo esvoaçam e se voltam! Não penso eu em ti? Mas a tua casa é distante.

O Mestre disse: “É a falta de pensar nisso. Como é distante?”

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO X

✦

X.1

Confúcio, na sua aldeia, parecia simples e sincero, e como se não fosse capaz de falar.

Quando estava no templo ancestral do príncipe, ou na corte, falava minuciosamente sobre cada ponto, mas com cautela.

X.2

Quando esperava na corte, ao falar com os grandes oficiais do grau inferior, falava livremente, mas de modo direto; ao falar com os do grau superior, fazia-o com brandura, mas com precisão.

Quando o governante estava presente, os seus modos mostravam um desconforto respeitoso; eram graves, mas senhores de si.

X.3

Quando o príncipe o chamava para empregá-lo na recepção de um visitante, o seu semblante parecia mudar, e as suas pernas pareciam mover-se para a frente com dificuldade.

Inclinava-se para os outros oficiais entre os quais estava, movendo o braço esquerdo ou direito conforme a posição deles o exigia, mas mantendo as abas do manto, à frente e atrás, igualmente ajustadas.

Avançava apressado, com os braços como as asas de uma ave.

Quando o hóspede se retirava, informava o príncipe: “O visitante já não se volta.”

X.4

Quando entrava pelo portão do palácio, parecia curvar o corpo, como se o portão não bastasse para admiti-lo.

Quando estava de pé, não ocupava o meio da passagem; quando entrava ou saía, não pisava a soleira.

Quando passava pelo lugar vazio do príncipe, o seu semblante parecia mudar, as pernas pareciam dobrar-se sob ele, e as palavras saíam como se mal tivesse fôlego para proferi-las.

Subia ao salão de recepção segurando o manto com as duas mãos e o corpo curvado, retendo também o fôlego, como se não ousasse respirar.

Quando saía da audiência, assim que descia um degrau, começava a descontrair o semblante e tinha um ar satisfeito. Quando chegava ao fim dos degraus, avançava depressa para o seu lugar, com os braços como asas, e ao ocupá-lo os seus modos ainda mostravam desconforto respeitoso.

X.5

Quando levava o cetro do seu governante, parecia curvar o corpo, como se não fosse capaz de suportar o seu peso. Não o segurava mais alto do que a posição das mãos ao fazer uma reverência, nem mais baixo do que a sua posição ao dar algo a outro. O seu semblante parecia mudar e mostrar apreensão, e ele arrastava os pés como se algo os prendesse ao chão.

Ao apresentar os presentes de que estava encarregado, tinha um ar plácido.

Na sua audiência privada, parecia muito contente.

X.6

O homem superior não usava púrpura escura nem cor de pulga nos ornamentos das suas vestes.

Mesmo em traje caseiro, não usava nada de cor vermelha ou avermelhada.

No tempo quente, tinha uma veste simples de textura grossa ou fina, mas usava-a por cima de uma veste interior.

Sobre pele de cordeiro usava uma veste preta; sobre pele de corça, uma branca; e sobre pele de raposa, uma amarela.

O manto de pele do seu traje caseiro era longo, com a manga direita curta.

Exigia que a sua roupa de dormir fosse uma vez e meia o comprimento do seu corpo.

Quando ficava em casa, usava peles grossas de raposa ou de texugo.

Quando deixava o luto, usava todos os pendentes do cinto.

A sua veste de baixo, exceto quando devia ter a forma de cortina, era feita de seda cortada estreita em cima e larga embaixo.

Não usava pele de cordeiro nem barrete preto numa visita de pêsames.

No primeiro dia do mês, vestia os trajes da corte e apresentava-se na corte.

X.7

Quando jejuava, julgava necessário ter as roupas muito limpas e feitas de pano de linho.

Quando jejuava, julgava necessário mudar a comida e também mudar o lugar onde costumava sentar-se no aposento.

X.8

Não desgostava de ter o arroz bem limpo, nem de ter a carne picada cortada bem miúda.

Não comia arroz que tivesse sido danificado pelo calor ou pela umidade e azedado, nem peixe ou carne estragados. Não comia o que estava descolorido ou tinha mau sabor, nem nada que estivesse mal cozido ou fora da estação.

Não comia carne que não estivesse cortada como devia, nem o que fosse servido sem o seu molho próprio.

Ainda que houvesse grande quantidade de carne, não permitia que o que tomava excedesse a devida proporção em relação ao arroz. Só no vinho não se fixava limite, mas não se permitia ficar confuso por ele.

Não tomava vinho nem carne seca comprados no mercado.

Nunca comia sem gengibre.

Não comia muito.

Quando assistia ao sacrifício do príncipe, não guardava de um dia para o outro a carne que recebia. A carne do sacrifício da sua família não a guardava mais de três dias. Se guardada mais de três dias, as pessoas não podiam comê-la.

Ao comer, não conversava. Na cama, não falava.

Ainda que a sua comida fosse arroz grosseiro e sopa de legumes, oferecia um pouco dela em sacrifício com um ar grave e respeitoso.

X.9

Se a sua esteira não estava direita, não se sentava nela.

X.10

Quando os aldeões bebiam juntos, ao saírem os que levavam bordões, ele saía logo depois.

Quando os aldeões realizavam as suas cerimônias para afastar as influências pestilentas, ele vestia os trajes da corte e ficava de pé nos degraus do leste.

X.11

Quando enviava saudações a alguém em outro Estado, inclinava-se duas vezes ao acompanhar o mensageiro na partida.

Tendo Chi K'ang lhe enviado de presente um remédio, ele se inclinou e o recebeu, dizendo: “Não o conheço. Não ouso prová-lo.”

X.12

Tendo a estrebaria pegado fogo quando ele estava na corte, ao voltar disse: “Alguém se feriu?” Não perguntou pelos cavalos.

X.13

Quando o príncipe lhe enviava de presente carne cozida, ajeitava a esteira, provava-a primeiro e depois a dava a outros. Quando o príncipe lhe enviava de presente carne crua, mandava cozê-la e oferecia-a aos espíritos dos seus antepassados. Quando o príncipe lhe enviava de presente um animal vivo, mantinha-o vivo.

Quando estava a serviço do príncipe e tomava parte no banquete, o príncipe apenas oferecia o sacrifício. Ele provava tudo primeiro.

Quando estava doente e o príncipe vinha visitá-lo, punha a cabeça para o leste, fazia estender sobre si os trajes da corte e passava o cinto por cima deles.

Quando uma ordem do príncipe o chamava, sem esperar que atrelassem o seu carro, ia imediatamente.

X.14

Quando entrava no templo ancestral do Estado, perguntava sobre tudo.

X.15

Quando algum dos seus amigos morria, se não tinha parentes com quem se pudesse contar para os ofícios necessários, ele dizia: “Eu o sepultarei.”

Quando um amigo lhe enviava um presente, ainda que fosse um carro com cavalos, não se inclinava.

O único presente pelo qual se inclinava era o da carne de sacrifício.

X.16

Na cama, não se deitava como um cadáver. Em casa, não assumia porte cerimonioso.

Quando via alguém em traje de luto, ainda que fosse um conhecido, mudava de semblante; quando via alguém com o barrete de cerimônia, ou um cego, ainda que estivesse em traje caseiro, saudava-os de modo cerimonioso.

A qualquer pessoa de luto, inclinava-se até a travessa do carro; inclinava-se do mesmo modo a quem levasse as tábuas do recenseamento.

Quando estava num banquete com abundância de provisões postas diante dele, mudava de semblante e se levantava.

Num súbito estrondo de trovão, ou num vento violento, mudava de semblante.

X.17

Quando ia subir ao carro, ficava de pé, direito, segurando a corda.

Quando estava no carro, não virava a cabeça de todo, não falava apressadamente, não apontava com as mãos.

X.18

Vendo o semblante, ela se ergue de imediato. Voa em volta e, pouco depois, pousa.

O Mestre disse: "Aí está a faisoa na ponte da colina. Na sua estação! Na sua estação!" Tsze-lu fez-lhe um gesto. Três vezes ela o farejou e depois levantou voo.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO XI

✦

XI.1

O Mestre disse: “Os homens dos tempos passados, em matéria de cerimônias e música, eram rústicos, diz-se, enquanto os homens destes tempos recentes, em cerimônias e música, são cavalheiros refinados.

“Se tenho ocasião de usar essas coisas, sigo os homens dos tempos passados.”

XI.2

O Mestre disse: “Dos que estiveram comigo em Ch'an e Ts'ai, não se acha nenhum que entre pela minha porta.”

Distinguidos pelos seus princípios e prática virtuosos, havia Yen Yuan, Min Tsze-ch'ien, Zan Po-niu e Chung-kung; pela sua habilidade na fala, Tsai Wo e Tsze-kung; pelos seus talentos administrativos, Zan Yu e Chi Lu; pelos seus conhecimentos literários, Tsze-yu e Tsze-hsia.

XI.3

O Mestre disse: “Hui não me presta ajuda. Não há nada que eu diga em que ele não se deleite.”

XI.4

O Mestre disse: “Filial, de fato, é Min Tsze-ch'ien! As outras pessoas nada dizem dele que difira do que dizem os seus pais e irmãos.”

XI.5

Nan Yung repetia com frequência os versos sobre uma pedra de cetro branca. Confúcio deu-lhe como esposa a filha do seu irmão mais velho.

XI.6

Chi K'ang perguntou qual dos discípulos amava aprender. Confúcio respondeu-lhe: “Havia Yen Hui; ele amava aprender. Infelizmente, o seu tempo designado foi curto, e ele morreu. Agora não há ninguém que ame aprender como ele.”

XI.7

Quando Yen Yuan morreu, Yen Lu pediu o carro do Mestre para vendê-lo e obter um caixão exterior para o ataúde do filho.

O Mestre disse: “Cada um chama ao seu filho o seu filho, quer tenha talentos, quer não os tenha. Havia Li; quando morreu, teve ataúde, mas não caixão exterior. Não andaria a pé para obter um caixão para ele, porque, tendo seguido na retaguarda dos grandes oficiais, não era próprio que eu andasse a pé.”

XI.8

Quando Yen Yuan morreu, o Mestre disse: “Ai! O Céu está me destruindo! O Céu está me destruindo!”

XI.9

Quando Yen Yuan morreu, o Mestre o lamentou excessivamente, e os discípulos que estavam com ele disseram: “Mestre, a vossa dor é excessiva?”

“É excessiva?”, disse ele.

“Se não hei de chorar amargamente por este homem, por quem haverei de chorar?”

XI.10

Quando Yen Yuan morreu, os discípulos quiseram dar-lhe um grande funeral, e o Mestre disse: “Não podeis fazê-lo.”

Os discípulos o sepultaram com grande pompa.

O Mestre disse: “Hui comportou-se comigo como com seu pai. Não pude tratá-lo como meu filho. A culpa não é minha; pertence a vós, ó discípulos.”

XI.11

Chi Lu perguntou sobre servir os espíritos dos mortos. O Mestre disse: "Enquanto não fores capaz de servir os homens, como poderás servir os seus espíritos?" Chi Lu acrescentou: "Ouso perguntar sobre a morte." Foi-lhe respondido: "Enquanto não conheces a vida, como podes conhecer a morte?"

XI.12

O discípulo Min estava de pé ao seu lado, com ar brando e preciso; Tsze-lu, com ar ousado e marcial; Zan Yu e Tsze-kung, com modos livres e francos. O Mestre ficou contente.

Disse: "Aquele Yu! — não morrerá de morte natural."

XI.13

Algumas pessoas em Lu iam demolir e reconstruir o Tesouro Longo.

Min Tsze-ch'ien disse: "Suponde que fosse reparado no seu estilo antigo; por que há de ser alterado e feito de novo?"

O Mestre disse: "Este homem raramente fala; quando fala, certamente acerta no ponto."

XI.14

O Mestre disse: “Que faz o alaúde de Yu à minha porta?”

Os outros discípulos começaram a não respeitar Tsze-lu. O Mestre disse: “Yu subiu ao salão, embora ainda não tenha passado aos aposentos interiores.”

XI.15

Tsze-kung perguntou qual dos dois, Shih ou Shang, era o superior. O Mestre disse: “Shih vai além do justo meio, e Shang não chega a ele.”

“Então”, disse Tsze-kung, “a superioridade está com Shih, suponho.”

O Mestre disse: “Ir além é tão errado quanto ficar aquém.”

XI.16

O chefe da família Chi era mais rico do que fora o duque de Chau e, no entanto, Ch'iu recolhia os impostos para ele e aumentava a sua riqueza.

O Mestre disse: “Não é discípulo meu. Meus filhinhos, tocai o tambor e atacai-o.”

XI.17

Ch'ai é simples.

Shan é lento.

Shih é especioso.

Yu é grosseiro.

XI.18

O Mestre disse: "Aí está Hui! Quase alcançou a virtude perfeita. Está muitas vezes na penúria.

"Ts'ze não aceita os decretos do Céu, e os seus bens aumentam por ele. Porém, os seus juízos são muitas vezes corretos."

XI.19

Tsze-chang perguntou quais eram as características do homem BOM. O Mestre disse: "Ele não pisa nas pegadas dos outros, mas, ademais, não entra na câmara do sábio."

XI.20

O Mestre disse: "Se, porque o discurso de um homem parece sólido e sincero, o admitimos como homem bom, é ele realmente um homem superior? Ou a sua gravidade é só aparente?"

XI.21

Tsze-lu perguntou se devia pôr imediatamente em prática o que ouvia. O Mestre disse: “Há o teu pai e os teus irmãos mais velhos a consultar; por que haverias de agir segundo esse princípio de pôr imediatamente em prática o que ouves?” Zan Yu perguntou o mesmo, se devia pôr imediatamente em prática o que ouvia, e o Mestre respondeu: “Põe imediatamente em prática o que ouves.”

Kung-hsi Hwa disse: “Yu perguntou se devia pôr imediatamente em prática o que ouvia, e vós dissestes: ‘Há o teu pai e os teus irmãos mais velhos a consultar.’ Ch'iu perguntou se devia pôr imediatamente em prática o que ouvia, e vós dissestes: ‘Põe-no imediatamente em prática.’ Eu, Ch'ih, estou perplexo e ouso pedir-vos uma explicação.”

O Mestre disse: “Ch'iu é retraído e lento; por isso o empurrei para a frente. Yu tem mais do que a sua parte de energia; por isso o contive.”

XI.22

O Mestre foi posto em perigo em K'wang, e Yen Yuan ficou para trás. O Mestre, ao reencontrá-lo, disse: “Pensei que tinhas morrido.” Hui respondeu: “Enquanto vós estais vivo, como ousaria eu morrer?”

XI.23

Chi Tsze-zan perguntou se Chung Yu e Zan Ch'iu podiam ser chamados grandes ministros.

O Mestre disse: "Pensei que fosses perguntar por alguns indivíduos extraordinários, e só perguntas por Yu e Ch'iu!

"O que se chama um grande ministro é aquele que serve o seu príncipe segundo o que é justo e, quando vê que não pode fazê-lo, retira-se.

"Ora, quanto a Yu e Ch'iu, podem ser chamados ministros comuns."

Tsze-zan disse: "Então seguirão sempre o seu chefe, não é?"

O Mestre disse: "Num ato de parricídio ou regicídio, não o seguiriam."

XI.24

Tsze-lu conseguiu que Tsze-kao fosse nomeado governador de Pi.

O Mestre disse: "Estás prejudicando o filho de um homem."

Tsze-lu disse: "Há (lá) gente comum e oficiais; há os altares dos espíritos da terra e dos grãos. Por que há de alguém ler livros antes de poder ser considerado instruído?"

O Mestre disse: "É por isso que detesto a vossa gente de língua solta."

XI.25

Tsze-lu, Tsang Hsi, Zan Yu e Kung-hsi Hwa estavam sentados junto ao Mestre.

Ele lhes disse: “Embora eu seja um dia ou pouco mais velho que vós, não penseis nisso.

“Dia após dia dizeis: ‘Não somos conhecidos.’ Se algum governante vos conhecesse, que gostaríeis de fazer?”

Tsze-lu respondeu apressada e levianamente: “Suponde o caso de um Estado de dez mil carros; que esteja apertado entre outros grandes Estados; que sofra com exércitos invasores; e que a isto se some uma fome de grãos e de todos os legumes: se me fosse confiado o seu governo, em três anos poderia tornar o povo ousado e fazê-lo reconhecer as regras da conduta justa.” O Mestre sorriu para ele.

Voltando-se para Yen Yu, disse: “Ch'iu, quais são os teus desejos?” Ch'iu respondeu: “Suponde um Estado de sessenta ou setenta li em quadra, ou um de cinquenta ou sessenta, e que eu tenha o seu governo; em três anos poderia fazer a fartura abundar entre o povo. Quanto a ensinar-lhe os princípios do decoro e a música, devo esperar que surja um homem superior para fazê-lo.”

“Quais são os teus desejos, Ch'ih?”, disse o Mestre em seguida a Kung-hsi Hwa. Ch'ih respondeu: “Não digo que a minha capacidade alcance estas coisas, mas desejaria aprendê-las. Nos serviços do templo ancestral e nas audiências dos príncipes com o soberano, gostaria, vestido com o manto

escuro de corte quadrado e o barrete preto de linho, de atuar como pequeno assistente."

Por último, o Mestre perguntou a Tsang Hsi: "Tien, quais são os teus desejos?" Tien, parando de tocar o seu alaúde, enquanto este ainda vibrava, pôs o instrumento de lado e levantou-se.

"Os meus desejos", disse ele, "são diferentes dos propósitos queridos destes três senhores." "Que mal há nisso?", disse o Mestre; "fala tu também, como eles, dos teus desejos."

Tien disse então: "Neste último mês da primavera, com as roupas da estação já completas, junto com cinco ou seis jovens que já tomaram o barrete e seis ou sete meninos, eu me banharia no I, gozaria a brisa entre os altares da chuva e voltaria para casa cantando." O Mestre deu um suspiro e disse: "Dou a minha aprovação a Tien."

Tendo os outros três saído, Tsang Hsi ficou para trás e disse: "Que pensais das palavras destes três amigos?" O Mestre respondeu: "Cada um simplesmente disse os seus desejos."

Hsi prosseguiu: "Mestre, por que sorristes para Yu?"

Foi-lhe respondido: "A administração de um Estado exige as regras do decoro. As suas palavras não eram humildes; por isso sorri para ele."

Hsi disse de novo: "Mas não era um Estado o que Ch'iu propunha para si?" A resposta foi: "Sim; já viste algum território de sessenta ou setenta li, ou de cinquenta ou sessenta, que não fosse um Estado?"

Mais uma vez Hsi perguntou: “E não era um Estado o que Ch'ih propunha para si?” O Mestre respondeu de novo: “Sim; quem senão os príncipes tem a ver com templos ancestrais e com audiências com o soberano? Se Ch'ih fosse um pequeno assistente nestes serviços, quem poderia ser um grande?”

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO XII

✦

XII.1

Yen Yuan perguntou sobre a virtude perfeita. O Mestre disse: “Dominar a si mesmo e voltar ao decoro é a virtude perfeita. Se um homem puder durante um dia dominar a si mesmo e voltar ao decoro, tudo sob o céu lhe atribuirá a virtude perfeita. A prática da virtude perfeita vem do próprio homem ou vem dos outros?”

Yen Yuan disse: “Peço para perguntar os passos desse processo.” O Mestre respondeu: “Não olhes o que é contrário ao decoro; não escutes o que é contrário ao decoro; não fales o que é contrário ao decoro; não faças movimento que seja contrário ao decoro.” Yen Yuan disse então: “Embora me falte inteligência e vigor, farei questão de praticar esta lição.”

XII.2

Chung-kung perguntou sobre a virtude perfeita. O Mestre disse: “É, quando sais de casa, comportar-te com todos como se recebesses um grande hóspede; empregar o povo como se assistisses a um grande sacrifício; não fazer aos outros o que não desejarias que te fizessem; não haver murmuração contra ti no país, nem na família.” Chung-kung disse: “Embora me falte inteligência e vigor, farei questão de praticar esta lição.”

XII.3

Sze-ma Niu perguntou sobre a virtude perfeita.

O Mestre disse: “O homem de virtude perfeita é cauteloso e lento na fala.”

“Cauteloso e lento na fala!”, disse Niu; “é isto o que se entende por virtude perfeita?” O Mestre disse: “Quando um homem sente a dificuldade de fazer, pode ele ser outra coisa senão cauteloso e lento ao falar?”

XII.4

Sze-ma Niu perguntou sobre o homem superior. O Mestre disse: “O homem superior não tem ansiedade nem medo.”

“Estar sem ansiedade nem medo!”, disse Niu; “é isto o que constitui o que chamamos homem superior?”

O Mestre disse: “Quando o exame interior não descobre nada de errado, de que haverá ansiedade, que haverá a temer?”

XII.5

Sze-ma Niu, cheio de ansiedade, disse: "Os outros homens têm todos os seus irmãos; só eu não tenho."

Tsze-hsia lhe disse: "Há o seguinte dito que ouvi:

"'A morte e a vida têm a sua determinação fixada; as riquezas e as honras dependem do Céu.'

"Que o homem superior nunca deixe de ordenar reverentemente a própria conduta, e que seja respeitoso para com os outros e observante do decoro: então todos dentro dos quatro mares serão seus irmãos. Que tem o homem superior a ver com afligir-se porque não tem irmãos?"

XII.6

Tsze-chang perguntou o que constituía a inteligência. O Mestre disse: "Aquele com quem não têm êxito nem a calúnia que penetra pouco a pouco na mente, nem as afirmações que sobressaltam como uma ferida na carne, pode de fato ser chamado inteligente. Sim, aquele com quem não têm êxito nem a calúnia penetrante, nem as afirmações que sobressaltam, pode ser chamado clarividente."

XII.7

Tsze-kung perguntou sobre o governo. O Mestre disse: “Os requisitos do governo são que haja suficiência de alimento, suficiência de equipamento militar e a confiança do povo no seu governante.”

Tsze-kung disse: “Se não houver remédio e for preciso dispensar uma destas coisas, de qual das três se deve abrir mão primeiro?” “Do equipamento militar”, disse o Mestre.

Tsze-kung perguntou de novo: “Se não houver remédio e for preciso dispensar uma das duas restantes, de qual se deve abrir mão?” O Mestre respondeu: “Abre mão do alimento. Desde sempre a morte foi a sorte de todos os homens; mas, se o povo não tem fé nos seus governantes, não há como o Estado se manter de pé.”

XII.8

Chi Tsze-ch'ang disse: “Num homem superior só se requerem as qualidades substanciais; por que buscar refinamentos ornamentais?”

Tsze-kung disse: “Ai! As vossas palavras, senhor, mostram que sois um homem superior, mas quatro cavalos não alcançam a língua.

“O ornamento é como a substância; a substância é como o ornamento. O couro de um tigre ou de um leopardo despojado do pelo é como o couro de um cão ou de uma cabra despojado do pelo.”

XII.9

O Duque Ai perguntou a Yu Zo, dizendo: “O ano é de escassez, e as receitas não bastam para as despesas; que se há de fazer?”

Yu Zo respondeu-lhe: “Por que não cobrar simplesmente o dízimo do povo?”

“Com dois décimos”, disse o duque, “acho que não basta; como poderia arranjar-me com esse sistema de um décimo?”

Yu Zo respondeu: “Se o povo tem fartura, o seu príncipe não ficará sozinho na necessidade. Se o povo está na necessidade, o seu príncipe não pode gozar sozinho da fartura.”

XII.10

Tendo Tsze-chang perguntado como se devia exaltar a virtude e descobrir as ilusões, o Mestre disse: “Tem a fidelidade e a sinceridade como primeiros princípios e move-te continuamente para o que é justo: este é o modo de exaltar a própria virtude.

“Amas um homem e desejas que viva; odeias-o e desejas que morra. Tendo desejado que vivesse, desejas também que morra. Este é um caso de ilusão.

“‘Pode não ser por ela ser rica, e porém chegas a fazer uma diferença.’”

XII.11

O Duque Ching, de Ch'i, perguntou a Confúcio sobre o governo.

Confúcio respondeu: "Há governo quando o príncipe é príncipe e o ministro é ministro; quando o pai é pai e o filho é filho."

"Bem!", disse o duque; "se, de fato, o príncipe não for príncipe, o ministro não for ministro, o pai não for pai e o filho não for filho, ainda que eu tenha a minha receita, poderei gozá-la?"

XII.12

O Mestre disse: "Ah! é Yu quem, com meia palavra, conseguia resolver os litígios!"

Tsze-lu nunca deixava uma promessa para o dia seguinte.

XII.13

O Mestre disse: "Ao ouvir litígios, sou como qualquer outra pessoa. O necessário, contudo, é fazer com que o povo não tenha litígios."

XII.14

Tsze-chang perguntou sobre o governo. O Mestre disse: "A arte de governar é manter os seus assuntos presentes na mente sem cansaço e praticá-los com constância inabalável."

XII.15

O Mestre disse: “Estudando amplamente todo o saber e mantendo-se sob a restrição das regras do decoro, pode-se assim também não se desviar do que é justo.”

XII.16

O Mestre disse: “O homem superior procura aperfeiçoar as qualidades admiráveis dos homens e não procura aperfeiçoar as suas más qualidades. O homem mesquinho faz o contrário.”

XII.17

Chi K'ang perguntou a Confúcio sobre o governo. Confúcio respondeu: “Governar significa retificar. Se conduzirdes o povo com retidão, quem ousará não ser reto?”

XII.18

Chi K'ang, aflito com o número de ladrões no Estado, perguntou a Confúcio como acabar com eles. Confúcio disse: “Se vós, senhor, não fôsseis cobiçoso, ainda que os recompensásseis para roubar, eles não roubariam.”

XII.19

Chi K'ang perguntou a Confúcio sobre o governo, dizendo: "Que dizeis de matar os sem princípios para o bem dos que têm princípios?" Confúcio respondeu: "Senhor, ao conduzir o vosso governo, por que haveríeis de usar a morte? Que os vossos desejos manifestos sejam pelo que é bom, e o povo será bom. A relação entre superiores e inferiores é como a que há entre o vento e a relva. A relva tem de se curvar quando o vento passa sobre ela."

XII.20

Tsze-chang perguntou: "Que deve ser o oficial de quem se possa dizer que é distinto?"

O Mestre disse: "Que é isso a que chamas ser distinto?"

Tsze-chang respondeu: "É ser ouvido por todo o Estado, ser ouvido por todo o seu clã."

O Mestre disse: "Isso é notoriedade, não distinção.

"Ora, o homem de distinção é sólido e reto e ama a retidão. Examina as palavras das pessoas e observa os seus semblantes. Está ansioso por humilhar-se diante dos outros. Tal homem será distinto no país; será distinto no seu clã.

"Quanto ao homem de notoriedade, assume a aparência da virtude, mas as suas ações se opõem a ela, e ele repousa neste caráter sem nenhuma dúvida sobre si mesmo. Tal homem será ouvido no país; será ouvido no clã."

XII.21

Fan Ch'ih, passeando com o Mestre sob as árvores junto aos altares da chuva, disse: “Ouso perguntar como exaltar a virtude, corrigir o mal acalentado e descobrir as ilusões.”

O Mestre disse: “Verdadeiramente uma boa pergunta!

“Se fazer o que deve ser feito for o primeiro cuidado, e o êxito uma consideração secundária, não é este o modo de exaltar a virtude? Atacar a própria maldade e não atacar a dos outros, não é este o modo de corrigir o mal acalentado? Por uma ira de uma manhã desprezar a própria vida e envolver a dos pais, não é este um caso de ilusão?”

XII.22

Fan Ch'ih perguntou sobre a benevolência. O Mestre disse: "É amar todos os homens." Perguntou sobre o conhecimento. O Mestre disse: "É conhecer todos os homens."

Fan Ch'ih não compreendeu imediatamente estas respostas.

O Mestre disse: "Emprega os retos e põe de lado todos os tortos; deste modo, os tortos podem ser feitos retos."

Fan Ch'ih retirou-se e, vendo Tsze-hsia, disse-lhe: "Há pouco tive uma entrevista com o nosso Mestre e perguntei-lhe sobre o conhecimento. Ele disse: 'Emprega os retos e põe de lado todos os tortos; deste modo, os tortos serão feitos retos.' Que queria dizer?"

Tsze-hsia disse: "Verdadeiramente rico é o seu dito!

"Shun, estando de posse do reino, escolheu entre todo o povo e empregou Kao-yao, ao que todos os que eram desprovidos de virtude desapareceram. T'ang, estando de posse do reino, escolheu entre todo o povo e empregou I Yin, e todos os que eram desprovidos de virtude desapareceram."

XII.23

Tsze-kung perguntou sobre a amizade. O Mestre disse: "Admoesta fielmente o teu amigo e condu-lo habilmente. Se o achares intratável, para. Não te desonres."

XII.24

O filósofo Tsang disse: “O homem superior, por motivo de cultura, encontra-se com os amigos, e pela amizade deles ajuda a sua virtude.”

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO XIII

✦

XIII.1

Tsze-lu perguntou sobre o governo. O Mestre disse: “Vai à frente do povo com o teu exemplo e sê diligente nos seus assuntos.”

Ele pediu mais instrução, e foi-lhe respondido: “Não te canses (nestas coisas).”

XIII.2

Chung-kung, sendo ministro-chefe do Chefe da família Chi, perguntou sobre o governo. O Mestre disse: “Emprega primeiro os serviços dos teus vários oficiais, perdoa as pequenas faltas e eleva aos cargos homens de virtude e talento.”

Chung-kung disse: “Como conhecerei os homens de virtude e talento, para que os eleve aos cargos?” Foi-lhe respondido: “Eleva aos cargos os que conheces. Quanto aos que não conheces, os outros os negligenciarão?”

XIII.3

Tsze-lu disse: “O governante de Wei está à vossa espera, para administrar convosco o governo. Que considerareis a primeira coisa a fazer?”

O Mestre respondeu: “O necessário é retificar os nomes.”

“É mesmo?”, disse Tsze-lu. “Estais longe do alvo! Por que há de haver tal retificação?”

O Mestre disse: “Quão inculto és, Yu! Um homem superior, quanto ao que não sabe, mostra uma reserva cautelosa.

“Se os nomes não forem corretos, a linguagem não está de acordo com a verdade das coisas. Se a linguagem não estiver de acordo com a verdade das coisas, os assuntos não podem ser levados ao êxito.

“Quando os assuntos não podem ser levados ao êxito, o decoro e a música não florescem. Quando o decoro e a música não florescem, os castigos não são devidamente aplicados. Quando os castigos não são devidamente aplicados, o povo não sabe como mover a mão ou o pé.

“Por isso o homem superior considera necessário que os nomes que usa possam ser ditos apropriadamente, e também que o que diz possa ser executado apropriadamente. O que o homem superior exige é justamente que nas suas palavras não haja nada de incorreto.”

XIII.4

Fan Ch'ih pediu que lhe ensinassem a lavoura. O Mestre disse: "Não sou tão bom para isso quanto um velho lavrador." Pediu também que lhe ensinassem a horticultura, e foi-lhe respondido: "Não sou tão bom para isso quanto um velho hortelão."

Tendo Fan Ch'ih saído, o Mestre disse: "Homem pequeno, de fato, é Fan Hsu!

"Se um superior ama o decoro, o povo não ousará deixar de ser reverente. Se ama a retidão, o povo não ousará deixar de se submeter ao seu exemplo. Se ama a boa-fé, o povo não ousará deixar de ser sincero. Ora, quando estas coisas prevalecem, o povo de todas as partes virá a ele, trazendo os filhos às costas; que necessidade tem ele do conhecimento da lavoura?"

XIII.5

O Mestre disse: "Ainda que um homem seja capaz de recitar as trezentas odes, se, quando encarregado de uma função de governo, não sabe como agir, ou se, quando enviado em missão a alguma parte, não sabe dar as suas respostas sem ajuda, apesar da extensão do seu saber, de que utilidade prática ele é?"

XIII.6

O Mestre disse: "Quando a conduta pessoal de um príncipe é correta, o seu governo é eficaz sem a emissão de ordens. Se a sua conduta pessoal não é correta, pode emitir ordens, mas elas não serão seguidas."

XIII.7

O Mestre disse: “Os governos de Lu e de Wei são irmãos.”

XIII.8

O Mestre disse de Ching, descendente da família ducal de Wei, que conhecia bem a economia de uma família. Quando começou a ter recursos, disse: “Ah! eis uma coleção!” Quando aumentaram um pouco, disse: “Ah! isto está completo!” Quando se tornou rico, disse: “Ah! isto é admirável!”

XIII.9

Quando o Mestre foi a Wei, Zan Yu serviu de condutor do seu carro.

O Mestre observou: “Quão numeroso é o povo!”

Yu disse: “Já que são tão numerosos, que mais se há de fazer por eles?” “Enriquecê-los”, foi a resposta.

“E quando tiverem sido enriquecidos, que mais se há de fazer?” O Mestre disse: “Ensiná-los.”

XIII.10

O Mestre disse: “Se houvesse (algum dos príncipes) que me empregasse, no decurso de doze meses eu teria feito algo considerável. Em três anos, o governo estaria aperfeiçoado.”

XIII.11

O Mestre disse: "'Se homens bons governassem um país em sucessão durante cem anos, seriam capazes de transformar os violentamente maus e dispensar a pena de morte.' Verdadeiro, de fato, é este dito!"

XIII.12

O Mestre disse: "Se surgisse um governante verdadeiramente régio, ainda seria precisa uma geração, e então a virtude prevaleceria."

XIII.13

O Mestre disse: "Se um ministro torna correta a sua própria conduta, que dificuldade terá em ajudar no governo? Se não pode retificar a si mesmo, que tem ele a ver com retificar os outros?"

XIII.14

Voltando o discípulo Zan da corte, o Mestre lhe disse: "Como chegas tão tarde?" Ele respondeu: "Tivemos assuntos de governo." O Mestre disse: "Devem ter sido assuntos de família. Se tivesse havido assuntos de governo, ainda que eu não esteja agora no cargo, teria sido consultado sobre eles."

XIII.15

O Duque Ting perguntou se havia uma só frase que pudesse tornar próspero um país. Confúcio respondeu: "Tal efeito não se pode esperar de uma só frase.

"Há, porém, um dito que o povo tem: 'Ser príncipe é difícil; ser ministro não é fácil.'

"Se um governante conhece isto — a dificuldade de ser príncipe —, não se pode esperar desta única frase a prosperidade do seu país?"

O duque disse então: "Há uma só frase que possa arruinar um país?" Confúcio respondeu: "Tal efeito não se pode esperar de uma só frase. Há, contudo, o dito que o povo tem: 'Não tenho prazer em ser príncipe, a não ser em que ninguém possa opor-se ao que digo!'

"Se as palavras de um governante forem boas, não é bom também que ninguém se oponha a elas? Mas, se não forem boas e ninguém se opuser a elas, não se pode esperar desta única frase a ruína do seu país?"

XIII.16

O Duque de Sheh perguntou sobre o governo.

O Mestre disse: "Há bom governo quando os que estão perto se tornam felizes e os que estão longe são atraídos."

XIII.17

Tsze-hsia, sendo governador de Chu-fu, perguntou sobre o governo. O Mestre disse: “Não desejes ter as coisas feitas depressa; não olhes para pequenas vantagens. O desejo de ter as coisas feitas depressa impede que sejam feitas a fundo. Olhar para pequenas vantagens impede que se realizem grandes empreendimentos.”

XIII.18

O Duque de Sheh informou Confúcio, dizendo: “Entre nós, aqui, há os que podem ser chamados retos na sua conduta. Se o pai deles roubou um carneiro, darão testemunho do fato.”

Confúcio disse: “Entre nós, na nossa parte do país, os que são retos são diferentes disto. O pai oculta a má conduta do filho, e o filho oculta a má conduta do pai. A retidão encontra-se nisto.”

XIII.19

Fan Ch'ih perguntou sobre a virtude perfeita. O Mestre disse: “É, no retiro, ser serenamente grave; na gestão dos assuntos, ser reverentemente atento; no trato com os outros, ser estritamente sincero. Ainda que um homem vá entre tribos rudes e incultas, estas qualidades não podem ser negligenciadas.”

XIII.20

Tsze-kung perguntou, dizendo: “Que qualidades deve um homem possuir para ter direito a ser chamado oficial?” O Mestre disse: “Aquele que na conduta de si mesmo mantém um senso de vergonha e, quando enviado a alguma parte, não desonra a comissão do seu príncipe, merece ser chamado oficial.”

Tsze-kung prosseguiu: “Ouso perguntar quem pode ser posto na classe imediatamente inferior?” E foi-lhe dito: “Aquele que o círculo dos seus parentes declara filial, que os seus conterrâneos e vizinhos declaram fraterno.”

De novo o discípulo perguntou: “Ouso perguntar sobre a classe seguinte.” O Mestre disse: “São determinados a ser sinceros no que dizem e a executar o que fazem. São homenzinhos obstinados. Porém, talvez possam formar a classe seguinte.”

Tsze-kung por fim perguntou: “De que espécie são os de hoje que se ocupam do governo?” O Mestre disse: “Ora! São tantas medidas e cestos, que não vale a pena tomá-los em conta.”

XIII.21

O Mestre disse: “Já que não consigo homens que sigam o justo meio, a quem eu possa comunicar as minhas instruções, devo encontrar os ardentes e os cautelosamente decididos. Os ardentes avançarão e se apoderarão da verdade; os cautelosamente decididos se guardarão do que é errado.”

XIII.22

O Mestre disse: “O povo do sul tem um dito: ‘Um homem sem constância não pode ser nem feiticeiro nem médico.’ Bem!

“Inconstante na sua virtude, ele será visitado pela desonra.”

O Mestre disse: “Isto nasce simplesmente de não atender ao prognóstico.”

XIII.23

O Mestre disse: “O homem superior é afável, mas não bajulador; o homem mesquinho é bajulador, mas não afável.”

XIII.24

Tsze-kung perguntou, dizendo: “Que dizeis de um homem que é amado por todo o povo da sua vizinhança?” O Mestre respondeu: “Não podemos por isso conceder-lhe a nossa aprovação.” “E que dizeis daquele que é odiado por todo o povo da sua vizinhança?” O Mestre disse: “Não podemos por isso concluir que é mau. Melhor do que qualquer destes casos é que os bons da vizinhança o amem e os maus o odeiem.”

XIII.25

O Mestre disse: “O homem superior é fácil de servir e difícil de agradar. Se tentares agradá-lo de algum modo que não esteja de acordo com o que é justo, ele não ficará agradado. Mas, ao empregar os homens, usa-os segundo a sua capacidade. O homem mesquinho é difícil de servir e fácil de agradar. Se tentares agradá-lo, ainda que seja de um modo que não esteja de acordo com o que é justo, ele pode ficar agradado. Mas, ao empregar os homens, deseja que sejam capazes de tudo.”

XIII.26

O Mestre disse: “O homem superior tem uma descontração digna sem orgulho. O homem mesquinho tem orgulho sem descontração digna.”

XIII.27

O Mestre disse: “O firme, o perseverante, o simples e o modesto estão perto da virtude.”

XIII.28

Tsze-lu perguntou, dizendo: “Que qualidades deve um homem possuir para ter direito a ser chamado erudito?” O Mestre disse: “Deve ser assim: sério, insistente e brando; entre os amigos, sério e insistente; entre os irmãos, brando.”

XIII.29

O Mestre disse: “Que um homem bom ensine o povo durante sete anos, e então este poderá também ser empregado na guerra.”

XIII.30

O Mestre disse: “Levar à guerra um povo sem instrução é jogá-lo fora.”

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO XIV

✦

XIV.1

Hsien perguntou o que era vergonhoso. O Mestre disse: “Quando o bom governo prevalece num Estado, pensar só no salário; e, quando prevalece o mau governo, pensar, do mesmo modo, só no salário: isto é vergonhoso.”

XIV.2

“Quando o amor à superioridade, a jactância, os ressentimentos e a cobiça são reprimidos, isto pode ser considerado virtude perfeita.”

O Mestre disse: “Isto pode ser visto como a realização do que é difícil. Mas não sei se deve ser considerado virtude perfeita.”

XIV.3

O Mestre disse: “O erudito que acalenta o amor ao conforto não é digno de ser considerado erudito.”

XIV.4

O Mestre disse: “Quando o bom governo prevalece num Estado, a linguagem pode ser elevada e ousada, e as ações também. Quando prevalece o mau governo, as ações podem ser elevadas e ousadas, mas a linguagem deve ter alguma reserva.”

XIV.5

O Mestre disse: “Os virtuosos certamente falarão com correção, mas aqueles cuja fala é boa nem sempre são virtuosos. Os homens de princípios certamente são ousados, mas os que são ousados nem sempre são homens de princípios.”

XIV.6

Nan-kung Kwo, submetendo uma questão a Confúcio, disse: “I era hábil no tiro com arco, e Ao conseguia mover um barco sobre a terra, mas nenhum dos dois morreu de morte natural. Yu e Chi trabalharam pessoalmente nas fainas da lavoura e tornaram-se possuidores do reino.” O Mestre não respondeu; mas, quando Nan-kung Kwo saiu, disse: “Um homem superior, de fato, é este! Um estimador da virtude, de fato, é este!”

XIV.7

O Mestre disse: “Houve, ai!, homens superiores que nem sempre foram virtuosos. Mas nunca houve um homem mesquinho que fosse, ao mesmo tempo, virtuoso.”

XIV.8

O Mestre disse: “Pode haver amor que não leve à exigência para com o seu objeto? Pode haver lealdade que não leve à instrução do seu objeto?”

XIV.9

O Mestre disse: “Na preparação das notificações do governo, P'i Shan fazia primeiro o rascunho; Shi-shu examinava e discutia o seu conteúdo; Tsze-yu, encarregado das relações exteriores, polia então o estilo; e, por fim, Tsze-ch'an de Tung-li dava-lhe a devida elegância e acabamento.”

XIV.10

Alguém perguntou sobre Tsze-ch'an. O Mestre disse: “Era um homem bondoso.”

Perguntou sobre Tsze-hsi. O Mestre disse: “Aquele homem! Aquele homem!”

Perguntou sobre Kwan Chung. “Por ele”, disse o Mestre, “a cidade de Pien, com trezentas famílias, foi tirada ao chefe da família Po, que não proferiu uma palavra de queixa, embora, até o fim da vida, tivesse só arroz grosseiro para comer.”

XIV.11

O Mestre disse: “Ser pobre sem murmurar é difícil. Ser rico sem ser orgulhoso é fácil.”

XIV.12

O Mestre disse: “Mang Kung-ch'o é mais do que apto para ser oficial-chefe nas famílias de Chao e Wei, mas não é apto para ser grande oficial de nenhum dos Estados de Tang ou Hsieh.”

XIV.13

Tsze-lu perguntou o que constituía um homem COMPLETO. O Mestre disse: “Suponde um homem com o conhecimento de Tsang Wu-chung, a ausência de cobiça de Kung-ch'o, a bravura de Chwang de Pien e os variados talentos de Zan Ch'iu; acrescentai a isto os refinamentos das regras do decoro e da música: tal homem poderia ser considerado um homem COMPLETO.”

Depois acrescentou: “Mas que necessidade tem um homem completo de hoje de ter todas estas coisas? O homem que, diante do ganho, pensa na retidão; que, diante do perigo, está pronto a dar a vida; e que não esquece um acordo antigo, por mais longe que remonte: tal homem pode ser considerado um homem COMPLETO.”

XIV.14

O Mestre perguntou a Kung-ming Chia sobre Kung-shu Wan, dizendo: “É verdade que o teu mestre não fala, não ri e não aceita nada?”

Kung-ming Chia respondeu: “Isto nasceu de os relatores irem além da verdade. O meu mestre fala quando é tempo de falar, e assim os homens não se cansam da sua fala. Ri quando há ocasião de alegria, e assim os homens não se cansam do seu riso. Aceita quando é conforme à retidão fazê-lo, e assim os homens não se cansam do seu aceitar.” O Mestre disse: “Assim! Mas é assim com ele?”

XIV.15

O Mestre disse: “Tsang Wu-chung, mantendo a posse de Fang, pediu ao duque de Lu que nomeasse um sucessor para ele na sua família. Embora se possa dizer que não estava usando de força com o seu soberano, creio que estava.”

XIV.16

O Mestre disse: “O duque Wan de Tsin era astuto e não reto. O duque Hwan de Ch'i era reto e não astuto.”

XIV.17

Tsze-lu disse: “O Duque Hwan mandou matar o irmão Chiu, e Shao Hu morreu com o seu senhor, mas Kwan Chung não morreu. Não posso dizer que lhe faltava virtude?”

O Mestre disse: “O Duque Hwan reuniu todos os príncipes, e não com armas de guerra e carros: foi tudo pela influência de Kwan Chung. Que beneficência foi como a dele? Que beneficência foi como a dele?”

XIV.18

Tsze-kung disse: “Kwan Chung, creio, carecia de virtude. Quando o Duque Hwan mandou matar o irmão Chiu, Kwan Chung não foi capaz de morrer com ele. Ademais, tornou-se primeiro-ministro de Hwan.”

O Mestre disse: “Kwan Chung serviu como primeiro-ministro do Duque Hwan, fê-lo chefe de todos os príncipes e uniu e retificou o reino inteiro. Até hoje o povo goza dos dons que ele conferiu. Se não fosse Kwan Chung, estaríamos agora usando os cabelos soltos e as abas dos casacos abotoadas do lado esquerdo.

“Exigirás dele a pequena fidelidade dos homens e mulheres comuns, que se suicidariam num riacho ou numa vala, sem que ninguém soubesse nada deles?”

XIV.19

O grande oficial Hsien, que fora ministro de família de Kung-shu Wan, subiu à corte do príncipe em companhia de Wan.

O Mestre, tendo sabido disso, disse: “Ele mereceu ser considerado WAN (o refinado).”

XIV.20

O Mestre falava do procedimento sem princípios do duque Ling de Wei, quando Ch'i K'ang disse: “Sendo ele de tal caráter, como é que não perde o seu Estado?”

Confúcio disse: “O Chung-shu Yu tem a superintendência dos seus hóspedes e estrangeiros; o liturgista T'o tem a administração do seu templo ancestral; e Wang-sun Chia tem a direção do exército e das forças: com oficiais como estes, como haveria ele de perder o seu Estado?”

XIV.21

O Mestre disse: “Quem fala sem modéstia achará difícil cumprir as suas palavras.”

XIV.22

Chan Ch'ang assassinou o Duque Chien de Ch'i.

Confúcio banhou-se, foi à corte e informou o duque Ai, dizendo: “Chan Hang matou o seu soberano. Peço que vos encarregueis de puni-lo.”

O duque disse: “Informa disso os chefes das três famílias.”

Confúcio retirou-se e disse: “Seguindo na retaguarda dos grandes oficiais, não ousei deixar de apresentar tal assunto, e o meu príncipe diz: ‘Informa disso os chefes das três famílias.’”

Foi aos chefes e os informou, mas eles não quiseram agir. Confúcio então disse: “Seguindo na retaguarda dos grandes oficiais, não ousei deixar de apresentar tal assunto.”

XIV.23

Tsze-lu perguntou como se deve servir um governante. O Mestre disse: “Não o enganes e, ademais, enfrenta-o cara a cara.”

XIV.24

O Mestre disse: “O progresso do homem superior é para cima; o progresso do homem mesquinho é para baixo.”

XIV.25

O Mestre disse: “Nos tempos antigos, os homens estudavam com vista ao próprio aperfeiçoamento. Hoje em dia, os homens estudam com vista à aprovação dos outros.”

XIV.26

Chu Po-yu enviou um mensageiro com saudações amistosas a Confúcio.

Confúcio sentou-se com ele e interrogou-o. “Em que”, disse ele, “está ocupado o teu mestre?” O mensageiro respondeu: “O meu mestre está ansioso por diminuir as suas faltas, mas ainda não conseguiu.” Ele então saiu, e o Mestre disse: “Um mensageiro, de fato! Um mensageiro, de fato!”

XIV.27

O Mestre disse: “Quem não está num cargo determinado nada tem a ver com os planos para a administração dos seus deveres.”

XIV.28

O filósofo Tsang disse: “O homem superior, nos seus pensamentos, não sai do seu lugar.”

XIV.29

O Mestre disse: “O homem superior é modesto na fala, mas excede nas ações.”

XIV.30

O Mestre disse: "O caminho do homem superior é tríplice, mas não estou à sua altura. Virtuoso, está livre de ansiedades; sábio, está livre de perplexidades; ousado, está livre do medo."

Tsze-kung disse: "Mestre, isso é o que vós mesmo dizeis."

XIV.31

Tsze-kung tinha o hábito de comparar os homens entre si. O Mestre disse: "Tsze deve ter atingido um alto grau de excelência! Eu, por mim, não tenho tempo para isso."

XIV.32

O Mestre disse: "Não me preocuparei por os homens não me conhecerem; preocupar-me-ei com a minha própria falta de capacidade."

XIV.33

O Mestre disse: "Aquele que não antecipa as tentativas de enganá-lo, nem pensa de antemão que não será acreditado, e, no entanto, percebe estas coisas prontamente (quando ocorrem): não é ele um homem de valor superior?"

XIV.34

Wei-shang Mau disse a Confúcio: “Ch'iu, como é que andas sempre a empoleirar-te de um lado para outro? Não é porque és um falador insinuante?”

Confúcio disse: “Não ouso fazer o papel de tal falador, mas detesto a obstinação.”

XIV.35

O Mestre disse: “Um cavalo é chamado ch'i não por causa da sua força, mas por causa das suas outras boas qualidades.”

XIV.36

Alguém disse: “Que dizeis do princípio de que a ofensa deve ser retribuída com bondade?”

O Mestre disse: “Com que, então, retribuirás a bondade?

“Retribui a ofensa com justiça e retribui a bondade com bondade.”

XIV.37

O Mestre disse: “Ai! Não há ninguém que me conheça.”

Tsze-kung disse: “Que quereis dizer ao falar assim, que ninguém vos conhece?” O Mestre respondeu: “Não murmuro contra o Céu. Não me queixo dos homens. Os meus estudos estão em baixo, e a minha penetração se eleva alto. Mas há o Céu: esse me conhece!”

XIV.38

Tendo o Kung-po Liao caluniado Tsze-lu junto a Chi-sun, Tsze-fu Ching-po informou disso Confúcio, dizendo: “O nosso senhor está certamente sendo desencaminhado pelo Kung-po Liao, mas ainda tenho poder bastante para eliminar Liao e expor o seu cadáver no mercado e na corte.”

O Mestre disse: “Se os meus princípios hão de avançar, assim está ordenado. Se hão de cair por terra, assim está ordenado. Que pode o Kung-po Liao fazer onde se trata de tal ordenação?”

XIV.39

O Mestre disse: “Alguns homens de valor retiram-se do mundo.

Alguns retiram-se de Estados determinados.

Alguns retiram-se por causa de olhares desrespeitosos.

Alguns retiram-se por causa de linguagem contraditória.”

XIV.40

O Mestre disse: “Os que fizeram isto são sete homens.”

XIV.41

Acontecendo de Tsze-lu passar a noite em Shih-man, o porteiro lhe disse: “De quem vens?” Tsze-lu disse: “Do senhor K'ung.” “É aquele, não é?”, disse o outro, “que conhece a natureza impraticável dos tempos e, no entanto, insiste em agir neles.”

XIV.42

O Mestre tocava um dia uma pedra musical em Wei, quando um homem, carregando um cesto de palha, passou pela porta da casa onde estava Confúcio e disse: "Tem o coração cheio quem assim toca a pedra musical."

Pouco depois, acrescentou: "Quão desprezível é a obstinação de uma ideia só que estes sons mostram! Quando ninguém faz caso de alguém, ele tem simplesmente de abandonar de vez o seu desejo de emprego público. 'A água funda deve ser atravessada com a roupa vestida; a água rasa pode ser atravessada com a roupa levantada.'"

O Mestre disse: "Quão firme está ele no seu propósito! Mas isto não é difícil!"

XIV.43

Tsze-chang disse: "Que se quer dizer quando o Shu diz que Kao-tsung, enquanto observava o luto imperial habitual, esteve três anos sem falar?"

O Mestre disse: "Por que há de Kao-tsung ser citado como exemplo disto? Os antigos todos assim faziam. Quando o soberano morria, os oficiais todos atendiam às suas várias funções, recebendo instruções do primeiro-ministro durante três anos."

XIV.44

O Mestre disse: "Quando os governantes amam observar as regras do decoro, o povo responde prontamente aos apelos que lhe fazem para o serviço."

XIV.45

Tsze-lu perguntou o que constituía o homem superior. O Mestre disse: “O cultivo de si mesmo com cuidado reverente.” “E é só isto?”, disse Tsze-lu. “Cultiva-se a si mesmo de modo a dar repouso aos outros”, foi a resposta. “E é só isto?”, perguntou de novo Tsze-lu. O Mestre disse: “Cultiva-se a si mesmo de modo a dar repouso a todo o povo. Cultiva-se a si mesmo de modo a dar repouso a todo o povo: mesmo Yao e Shun ainda se preocupavam com isto.”

XIV.46

Yuan Zang estava agachado sobre os calcanhares e assim esperou a chegada do Mestre, que lhe disse: “Na juventude, não humilde como convém a um mais novo; na idade adulta, nada fazendo digno de ser transmitido; e vivendo até a velhice: isto é ser uma peste.” Dito isto, bateu-lhe na canela com o bordão.

XIV.47

Um jovem da aldeia de Ch'ueh era empregado por Confúcio para levar as mensagens entre ele e os seus visitantes. Alguém perguntou sobre ele, dizendo: “Suponho que fez grande progresso.”

O Mestre disse: “Observo que gosta de ocupar o assento de um homem adulto; observo que anda ombro a ombro com os mais velhos. Não é alguém que procure progredir no estudo. Deseja tornar-se homem depressa.”

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO XV

✦

XV.1

O Duque Ling de Wei perguntou a Confúcio sobre tática. Confúcio respondeu: “Ouvi tudo sobre os vasos sacrificiais, mas não aprendi os assuntos militares.” Com isto, partiu no dia seguinte.

Quando estava em Chan, as provisões se esgotaram, e os seus seguidores ficaram tão doentes que não conseguiam levantar-se.

Tsze-lu, com evidente descontentamento, disse: “Tem também o homem superior de suportar isto?” O Mestre disse: “O homem superior pode de fato ter de suportar a necessidade, mas o homem mesquinho, quando está na necessidade, entrega-se à licença desenfreada.”

XV.2

O Mestre disse: “Ts'ze, pensas, suponho, que sou alguém que aprende muitas coisas e as guarda na memória?”

Tsze-kung respondeu: “Sim — mas talvez não seja assim?”

“Não”, foi a resposta; “busco uma unidade que tudo penetra.”

XV.3

O Mestre disse: “Yu, os que conhecem a virtude são poucos.”

XV.4

O Mestre disse: “Não se pode citar Shun como alguém que governou com eficácia sem esforço? Que fazia ele? Nada fazia senão ocupar grave e reverentemente o seu assento real.”

XV.5

Tsze-chang perguntou como um homem deve conduzir-se para ser apreciado em toda parte.

O Mestre disse: “Que as suas palavras sejam sinceras e verdadeiras, e as suas ações honradas e cuidadosas; tal conduta pode ser praticada entre as tribos rudes do Sul ou do Norte. Se as suas palavras não forem sinceras e verdadeiras e as suas ações não forem honradas e cuidadosas, será ele, com tal conduta, apreciado, mesmo na sua vizinhança?

“Quando estiver de pé, que veja estas duas coisas, por assim dizer, à sua frente. Quando estiver num carro, que as veja presas ao jugo. Então poderá depois pô-las em prática.”

Tsze-chang escreveu estes conselhos na ponta da sua faixa.

XV.6

O Mestre disse: “Verdadeiramente reto era o historiógrafo Yu. Quando o bom governo prevalecia no seu Estado, ele era como uma flecha. Quando prevalecia o mau governo, ele era como uma flecha.

“Um homem superior, de fato, é Chu Po-yu! Quando o bom governo prevalece no seu Estado, ele se encontra no cargo. Quando prevalece o mau governo, ele sabe enrolar os seus princípios e guardá-los no peito.”

XV.7

O Mestre disse: “Quando se pode falar com um homem, não lhe falar é errar em relação ao homem. Quando não se pode falar com um homem, falar-lhe é errar em relação às nossas palavras. Os sábios não erram nem quanto ao homem nem quanto às palavras.”

XV.8

O Mestre disse: “O erudito determinado e o homem de virtude não procurarão viver à custa de ferir a sua virtude. Sacrificarão até a vida para preservar completa a sua virtude.”

XV.9

Tsze-kung perguntou sobre a prática da virtude. O Mestre disse: "O artesão que deseja fazer bem o seu trabalho deve primeiro afiar as ferramentas. Quando morares num Estado, põe-te ao serviço dos mais dignos entre os seus grandes oficiais e faz amizade com os mais virtuosos entre os seus eruditos."

XV.10

Yen Yuan perguntou como se deve administrar o governo de um país.

O Mestre disse: "Segue as estações dos Hsia.

"Anda no carro de Estado dos Yin.

"Usa o barrete cerimonial dos Chau.

"Que a música seja o Shao com as suas pantomimas.

"Bane as canções de Chang e mantém-te longe dos faladores especiosos. As canções de Chang são licenciosas; os faladores especiosos são perigosos."

XV.11

O Mestre disse: "Se um homem não pensa no que está distante, encontrará a tristeza à mão."

XV.12

O Mestre disse: "Está tudo acabado! Não vi quem ame a virtude como ama a beleza."

XV.13

O Mestre disse: "Não era Tsang Wan como alguém que tinha roubado a sua posição? Conhecia a virtude e os talentos de Hui de Liu-hsia e, no entanto, não fez com que ele estivesse ao seu lado na corte."

XV.14

O Mestre disse: "Quem exige muito de si mesmo e pouco dos outros evitará ser objeto de ressentimento."

XV.15

O Mestre disse: "Quando um homem não tem o hábito de dizer: 'Que pensarei disto? Que pensarei disto?', eu realmente nada posso fazer com ele!"

XV.16

O Mestre disse: "Quando várias pessoas estão juntas um dia inteiro sem que a sua conversa trate da retidão, e quando gostam de pôr em prática as sugestões de uma pequena astúcia, o caso delas é de fato difícil."

XV.17

O Mestre disse: "O homem superior considera a retidão essencial em tudo. Pratica-a segundo as regras do decoro. Manifesta-a com humildade. Completa-a com sinceridade. Este é de fato um homem superior."

XV.18

O Mestre disse: “O homem superior aflige-se com a sua falta de capacidade. Não se aflige por os homens não o conhecerem.”

XV.19

O Mestre disse: “O homem superior detesta a ideia de que o seu nome não seja mencionado depois da sua morte.”

XV.20

O Mestre disse: “O que o homem superior busca está em si mesmo. O que o homem mesquinho busca está nos outros.”

XV.21

O Mestre disse: “O homem superior é digno, mas não disputa. É sociável, mas não partidário.”

XV.22

O Mestre disse: “O homem superior não promove um homem simplesmente por causa das suas palavras, nem põe de lado boas palavras por causa do homem.”

XV.23

Tsze-kung perguntou, dizendo: “Há uma palavra que possa servir de regra de conduta para toda a vida?” O Mestre disse: “Não é RECIPROCIDADE essa palavra? O que não queres que te façam, não faças aos outros.”

XV.24

O Mestre disse: “No meu trato com os homens, de quem censuro o mal, de quem louvo a bondade, além do que é devido? Se às vezes excedo no louvor, deve haver fundamento para isso no meu exame do indivíduo.

“Este povo deu o fundamento pelo qual as três dinastias seguiram o caminho da retidão.”

XV.25

O Mestre disse: “Mesmo nos meus primeiros tempos, um historiógrafo deixava um espaço em branco no seu texto, e quem tinha um cavalo emprestava-o a outro para montar. Agora, ai!, já não há tais coisas.”

XV.26

O Mestre disse: “As palavras especiosas confundem a virtude. A falta de paciência nas pequenas coisas confunde os grandes planos.”

XV.27

O Mestre disse: “Quando a multidão odeia um homem, é preciso examinar o caso. Quando a multidão gosta de um homem, é preciso examinar o caso.”

XV.28

O Mestre disse: “Um homem pode engrandecer os princípios que segue; esses princípios não engrandecem o homem.”

XV.29

O Mestre disse: “Ter faltas e não as reformar: isto, de fato, deve ser declarado ter faltas.”

XV.30

O Mestre disse: “Passei o dia inteiro sem comer e a noite inteira sem dormir, ocupado em pensar. Não serviu de nada. O melhor plano é aprender.”

XV.31

O Mestre disse: “O objetivo do homem superior é a verdade. A comida não é o seu objetivo. Há a lavoura; mesmo nela às vezes há necessidade. Assim com o estudo; nele se pode encontrar emolumento. O homem superior está ansioso por não obter a verdade; não está ansioso por que a pobreza venha sobre ele.”

XV.32

O Mestre disse: “Quando o conhecimento de um homem basta para alcançar, e a sua virtude não basta para capacitá-lo a reter, o que quer que tenha ganho, perderá de novo.

“Quando o seu conhecimento basta para alcançar, e ele tem virtude bastante para reter firmemente, se não puder governar com dignidade, o povo não o respeitará.

“Quando o seu conhecimento basta para alcançar, e ele tem virtude bastante para reter firmemente; quando também governa com dignidade, mas, se tentar mover o povo contra as regras do decoro, não se alcança a plena excelência.”

XV.33

O Mestre disse: “O homem superior não pode ser conhecido nas pequenas coisas; mas pode-lhe ser confiado o que é grande. Ao homem pequeno não se pode confiar o que é grande, mas ele pode ser conhecido nas pequenas coisas.”

XV.34

O Mestre disse: “A virtude é mais para o homem do que a água ou o fogo. Vi homens morrerem por pisar na água e no fogo, mas nunca vi um homem morrer por trilhar o caminho da virtude.”

XV.35

O Mestre disse: “Que cada homem considere a virtude como o que lhe cabe a ele mesmo. Não pode ceder a prática dela nem ao seu mestre.”

XV.36

O Mestre disse: “O homem superior é firme com retidão, e não meramente firme.”

XV.37

O Mestre disse: “Um ministro, ao servir o seu príncipe, cumpre reverentemente os seus deveres e faz do seu emolumento uma consideração secundária.”

XV.38

O Mestre disse: “No ensino não deve haver distinção de classes.”

XV.39

O Mestre disse: “Os que seguem caminhos diferentes não podem fazer planos uns para os outros.”

XV.40

O Mestre disse: “Da linguagem exige-se simplesmente que transmita o sentido.”

XV.41

Tendo o Mestre de Música Mien vindo visitá-lo, quando chegaram aos degraus, o Mestre disse: "Aqui estão os degraus." Quando chegaram à esteira em que o hóspede devia sentar-se, disse: "Aqui está a esteira." Quando todos estavam sentados, o Mestre o informou, dizendo: "Fulano está aqui; fulano está aqui."

Tendo saído o Mestre de Música Mien, Tsze-chang perguntou, dizendo: "É a regra dizer estas coisas ao Mestre de Música?"

O Mestre disse: "Sim. Esta é certamente a regra para os que conduzem os cegos."

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO XVI

✦

XVI.1

O chefe da família Chi ia atacar Chwan-yu.

Zan Yu e Chi-lu tiveram uma entrevista com Confúcio e disseram: “O nosso chefe, Chi, vai começar operações contra Chwan-yu.”

Confúcio disse: “Ch'iu, não és tu quem está em falta aqui?

“Ora, quanto a Chwan-yu, há muito tempo um rei antigo designou o seu governante para presidir aos sacrifícios ao Mang oriental; ademais, está no meio do território do nosso Estado; e o seu governante é um ministro em ligação direta com o soberano: que tem o vosso chefe a ver com atacá-lo?”

Zan Yu disse: “O nosso senhor deseja a coisa; nenhum de nós dois, ministros, a deseja.”

Confúcio disse: “Ch'iu, há as palavras de Chau Zan: ‘Quando pode empregar a sua capacidade, ocupa o seu lugar nas fileiras dos cargos; quando se vê incapaz de fazê-lo, retira-se. Como pode ser usado como guia de um cego quem não o ampara quando vacila, nem o levanta quando cai?’

“E, além disso, falas erradamente. Quando um tigre ou um rinoceronte escapa da jaula; quando uma tartaruga ou uma peça de jade se danifica no seu depósito: de quem é a culpa?”

Zan Yu disse: “Mas no presente Chwan-yu é forte e está perto de Pi; se o nosso chefe não o tomar agora, será depois motivo de tristeza para os seus descendentes.”

Confúcio disse: “Ch'iu, o homem superior detesta aquele recusar-se a dizer ‘Quero tal e tal coisa’ e inventar explicações para a conduta.

“Ouvi dizer que os governantes dos Estados e os chefes das famílias não se preocupam com o seu povo ser pouco, mas preocupam-se com ele não manter os seus devidos lugares; que não se preocupam com o temor da pobreza, mas com o temor da falta de repouso contente entre o povo nos seus lugares. Pois, quando o povo mantém os seus devidos lugares, não haverá pobreza; quando a harmonia prevalece, não haverá escassez de gente; e, quando há tal repouso contente, não haverá revoltas subversivas.

“Assim é. Por isso, se os povos mais remotos não são submissos, todas as influências da cultura civil e da virtude devem ser cultivadas para atraí-los a sê-lo; e, quando tiverem sido assim atraídos, devem ser tornados contentes e tranquilos.

“Ora, aqui estais vós, Yu e Ch'iu, ajudando o vosso chefe. Os povos remotos não são submissos e, com a vossa ajuda, ele não consegue atraí-los. No seu próprio território há divisões e quedas, abandonos e separações, e, com a vossa ajuda, ele não consegue preservá-lo.

“E, no entanto, planeja estes movimentos hostis dentro do Estado. Receio que a tristeza da família Chi-sun não será por causa de Chwan-yu, mas se encontrará dentro do biombo da sua própria corte.”

XVI.2

Confúcio disse: "Quando o bom governo prevalece no império, as cerimônias, a música e as expedições militares punitivas procedem do filho do Céu. Quando prevalece o mau governo no império, as cerimônias, a música e as expedições militares punitivas procedem dos príncipes. Quando estas coisas procedem dos príncipes, em regra serão poucos os casos em que não percam o seu poder em dez gerações. Quando procedem dos grandes oficiais dos príncipes, em regra serão poucos os casos em que não percam o seu poder em cinco gerações.

Quando os ministros subsidiários dos grandes oficiais têm nas mãos as ordens do Estado, em regra serão poucos os casos em que não percam o seu poder em três gerações.

"Quando os princípios retos prevalecem no reino, o governo não estará nas mãos dos grandes oficiais.

"Quando os princípios retos prevalecem no reino, não haverá discussões entre o povo comum."

XVI.3

Confúcio disse: "A receita do Estado saiu da Casa ducal há já cinco gerações. O governo está nas mãos dos grandes oficiais há quatro gerações. Por isso, os descendentes dos três Hwan estão muito reduzidos."

XVI.4

Confúcio disse: “Há três amizades que são vantajosas e três que são prejudiciais. A amizade com o reto; a amizade com o sincero; e a amizade com o homem de muita observação: estas são vantajosas. A amizade com o homem de ares especiosos; a amizade com o insinuantemente brando; e a amizade com o de língua solta: estas são prejudiciais.”

XVI.5

Confúcio disse: “Há três coisas em que os homens encontram prazer que são vantajosas, e três coisas em que encontram prazer que são prejudiciais. Encontrar prazer no estudo criterioso das cerimônias e da música; encontrar prazer em falar da bondade dos outros; encontrar prazer em ter muitos amigos dignos: estas são vantajosas. Encontrar prazer em prazeres extravagantes; encontrar prazer na ociosidade e na vadiagem; encontrar prazer nos prazeres do banquete: estas são prejudiciais.”

XVI.6

Confúcio disse: “Há três erros a que estão sujeitos os que se encontram na presença de um homem de virtude e posição. Podem falar quando não lhes cabe falar: isto se chama precipitação. Podem não falar quando lhes cabe falar: isto se chama dissimulação. Podem falar sem olhar o semblante do seu superior: isto se chama cegueira.”

XVI.7

Confúcio disse: "Há três coisas de que o homem superior se guarda. Na juventude, quando as forças físicas ainda não estão assentadas, guarda-se da luxúria. Quando é forte e as forças físicas estão cheias de vigor, guarda-se da disputa. Quando é velho e as forças animais decaíram, guarda-se da cobiça."

XVI.8

Confúcio disse: "Há três coisas de que o homem superior tem temor reverente. Tem temor reverente dos decretos do Céu. Tem temor reverente dos grandes homens. Tem temor reverente das palavras dos sábios.

"O homem mesquinho não conhece os decretos do Céu e, por isso, não tem temor reverente deles. É desrespeitoso para com os grandes homens. Zomba das palavras dos sábios."

XVI.9

Confúcio disse: "Os que nascem de posse do conhecimento são a classe mais alta de homens. Os que aprendem e assim, prontamente, obtêm a posse do conhecimento são a seguinte. Os que são lentos e estúpidos e, no entanto, alcançam o saber são outra classe, depois destas. Quanto aos que são lentos e estúpidos e, no entanto, não aprendem, são os mais baixos do povo."

XVI.10

Confúcio disse: “O homem superior tem nove coisas que são para ele objeto de consideração ponderada. Quanto ao uso dos olhos, está ansioso por ver com clareza. Quanto ao uso dos ouvidos, está ansioso por ouvir com nitidez. Quanto ao semblante, está ansioso por que seja benigno. Quanto ao porte, está ansioso por que seja respeitoso. Quanto à fala, está ansioso por que seja sincera. Quanto ao tratar dos negócios, está ansioso por que seja reverentemente cuidadoso. Quanto ao que duvida, está ansioso por interrogar os outros. Quando está irado, pensa nas dificuldades (em que a sua ira pode envolvê-lo). Quando vê ganho a obter, pensa na retidão.”

XVI.11

Confúcio disse: “Contemplar o bem e persegui-lo como se não pudessem alcançá-lo; contemplar o mal e recuar diante dele como recuariam de meter a mão em água fervente: vi tais homens, como ouvi tais palavras.

“Viver em retiro para estudar os seus objetivos e praticar a retidão para levar a cabo os seus princípios: ouvi estas palavras, mas não vi tais homens.”

XVI.12

O duque Ching de Ch'i tinha mil parelhas, cada uma de quatro cavalos, mas no dia da sua morte o povo não o louvou por uma única virtude. Po-i e Shu-ch'i morreram de fome ao pé da montanha Shau-yang, e o povo, até hoje, os louva.

"Não é aquele dito ilustrado por isto?"

XVI.13

Ch'an K'ang perguntou a Po-yu, dizendo: "Ouviste do teu pai alguma lição diferente do que todos nós ouvimos?"

Po-yu respondeu: "Não. Uma vez estava ele de pé sozinho, quando passei abaixo do salão com passos apressados, e ele me disse: 'Aprendeste as Odes?' Respondendo eu 'Ainda não', ele acrescentou: 'Se não aprenderes as Odes, não serás apto para conversar.' Retirei-me e estudei as Odes.

"Noutro dia, estava ele do mesmo modo de pé sozinho, quando passei abaixo do salão com passos apressados, e ele me disse: 'Aprendeste as regras do Decoro?' Respondendo eu 'Ainda não', ele acrescentou: 'Se não aprenderes as regras do Decoro, o teu caráter não pode ser firmado.' Então me retirei e aprendi as regras do Decoro.

"Só ouvi dele estas duas coisas."

Ch'ang K'ang retirou-se e, muito contente, disse: "Perguntei uma coisa e obtive três. Ouvi sobre as Odes. Ouvi sobre as regras do Decoro. Ouvi também que o homem superior mantém uma reserva distante para com o filho."

XVI.14

A esposa do príncipe de um Estado é chamada por ele FU ZAN. Ela chama a si mesma HSIAO T'UNG. O povo do Estado chama-a CHUN FU ZAN e, diante do povo de outros Estados, chama-a K'WA HSIAO CHUN. O povo de outros Estados também a chama CHUN FU ZAN.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO XVII

✦

XVII.1

Yang Ho desejava ver Confúcio, mas Confúcio não quis ir vê-lo. Com isso, ele enviou de presente um porco a Confúcio, que, tendo escolhido uma hora em que Ho não estava em casa, foi apresentar os seus agradecimentos pelo presente. Encontrou-o, contudo, no caminho.

Ho disse a Confúcio: "Vem, deixa-me falar contigo." Então perguntou: "Pode ser chamado benevolente quem guarda a sua joia no peito e deixa o seu país na confusão?" Confúcio respondeu: "Não." "Pode ser chamado sábio quem está ansioso por ocupar um cargo público e, no entanto, perde constantemente a oportunidade de fazê-lo?" Confúcio disse de novo: "Não." "Os dias e os meses estão passando; os anos não esperam por nós." Confúcio disse: "Está certo; entrarei num cargo."

XVII.2

O Mestre disse: "Por natureza, os homens são quase iguais; pela prática, chegam a ficar muito afastados."

XVII.3

O Mestre disse: "Só os sábios da classe mais alta e os estúpidos da classe mais baixa não podem ser mudados."

XVII.4

O Mestre, tendo chegado a Wu-ch'ang, ouviu lá o som de instrumentos de cordas e de canto.

Muito contente e sorrindo, disse: “Por que usar uma faca de boi para matar uma galinha?”

Tsze-yu respondeu: “Outrora, Mestre, ouvi-vos dizer: ‘Quando o homem de alta posição é bem instruído, ama os homens; quando o homem de baixa posição é bem instruído, é facilmente governado.’”

O Mestre disse: “Meus discípulos, as palavras de Yen estão certas. O que eu disse foi só por brincadeira.”

XVII.5

Kung-shan Fu-zao, quando ocupava Pi e estava em atitude de rebelião, convidou o Mestre a visitá-lo, e este estava bastante inclinado a ir.

Tsze-lu ficou desgostoso e disse: “Na verdade, não podeis ir! Por que haveis de pensar em ir ver Kung-shan?”

O Mestre disse: “Pode ser sem alguma razão que ele ME convidou? Se alguém me empregar, não poderei fazer um Chau oriental?”

XVII.6

Tsze-chang perguntou a Confúcio sobre a virtude perfeita. Confúcio disse: "Ser capaz de praticar cinco coisas em toda parte sob o céu constitui a virtude perfeita." Ele pediu para perguntar quais eram, e foi-lhe dito: "A gravidade, a generosidade de alma, a sinceridade, a diligência e a bondade. Se fores grave, não serás tratado com desrespeito. Se fores generoso, conquistarás a todos. Se fores sincero, as pessoas depositarão confiança em ti. Se fores diligente, realizarás muito. Se fores bondoso, isto te permitirá empregar os serviços dos outros."

XVII.7

Convidando-o Pi Hsi a visitá-lo, o Mestre estava inclinado a ir.

Tsze-lu disse: "Mestre, outrora vos ouvi dizer: 'Quando um homem, na sua própria pessoa, é culpado de fazer o mal, o homem superior não se associa com ele.' Pi Hsi está em rebelião, ocupando Chung-mau; se fordes ter com ele, que se dirá?"

O Mestre disse: "Sim, usei essas palavras. Mas não se diz que, se uma coisa é realmente dura, pode ser esfregada sem ficar fina? Não se diz que, se uma coisa é realmente branca, pode ser mergulhada num líquido escuro sem ficar preta?

"Sou eu uma cabaça amarga? Como posso ser pendurado fora do alcance de quem come?"

XVII.8

O Mestre disse: “Yu, ouviste as seis palavras a que estão ligados seis obscurecimentos?” Yu respondeu: “Não ouvi.”

“Senta-te, e eu tas direi.

“Há o amor de ser benevolente sem o amor ao estudo: o obscurecimento aqui leva a uma simplicidade tola. Há o amor de saber sem o amor ao estudo: o obscurecimento aqui leva à dissipação da mente. Há o amor de ser sincero sem o amor ao estudo: o obscurecimento aqui leva a um desprezo danoso das consequências. Há o amor da franqueza sem o amor ao estudo: o obscurecimento aqui leva à grosseria. Há o amor da ousadia sem o amor ao estudo: o obscurecimento aqui leva à insubordinação. Há o amor da firmeza sem o amor ao estudo: o obscurecimento aqui leva à conduta extravagante.”

XVII.9

O Mestre disse: “Meus filhos, por que não estudais o Livro da Poesia?

“As Odes servem para estimular a mente.

“Podem ser usadas para a contemplação de si mesmo.

“Ensinam a arte da sociabilidade.

“Mostram como regular os sentimentos de ressentimento.

“Delas se aprende o dever mais imediato de servir o pai e o mais remoto de servir o príncipe.

“Por elas ficamos amplamente familiarizados com os nomes das aves, dos animais e das plantas.”

XVII.10

O Mestre disse a Po-yu: “Dedica-te ao Chau-nan e ao Shao-nan. O homem que não estudou o Chau-nan e o Shao-nan é como quem está com o rosto colado a uma parede. Não é assim?”

XVII.11

O Mestre disse: “‘É segundo as regras do decoro’, dizem. ‘É segundo as regras do decoro’, dizem. São as joias e a seda tudo o que se entende por decoro? ‘É música’, dizem. ‘É música’, dizem. São os sinos e os tambores tudo o que se entende por música?”

XVII.12

O Mestre disse: “Aquele que assume uma aparência de firmeza severa, enquanto por dentro é fraco, é como alguém da gente pequena e mesquinha; sim, não é como o ladrão que arromba uma parede ou passa por cima dela?”

XVII.13

O Mestre disse: “A vossa gente boa e cuidadosa das aldeias são os ladrões da virtude.”

XVII.14

O Mestre disse: “Contar, enquanto andamos, o que ouvimos pelo caminho é jogar fora a nossa virtude.”

XVII.15

O Mestre disse: “Há aquelas criaturas mesquinhas! Quão impossível é servir o príncipe junto com elas!

“Enquanto não alcançaram os seus objetivos, a sua ansiedade é como alcançá-los. Quando os alcançaram, a sua ansiedade é o receio de perdê-los.

“Quando estão ansiosos com receio de que tais coisas se percam, não há nada a que não cheguem.”

XVII.16

O Mestre disse: “Antigamente, os homens tinham três falhas que agora talvez não se encontrem.

“A altivez da antiguidade mostrava-se no desprezo das pequenas coisas; a altivez de hoje mostra-se na licença desenfreada. A severa dignidade da antiguidade mostrava-se na reserva grave; a severa dignidade de hoje mostra-se na perversidade briguenta. A estupidez da antiguidade mostrava-se na franqueza; a estupidez de hoje mostra-se no puro engano.”

XVII.17

O Mestre disse: “Palavras bonitas e um semblante insinuante raramente se associam à virtude.”

XVII.18

O Mestre disse: “Detesto o modo como a púrpura tira o brilho do vermelhão. Detesto o modo como as canções de Chang confundem a música do Ya. Detesto os que, com as suas bocas afiadas, derrubam reinos e famílias.”

XVII.19

O Mestre disse: “Preferiria não falar.”

Tsze-kung disse: “Se vós, Mestre, não falardes, que teremos nós, vossos discípulos, para registrar?”

O Mestre disse: “Fala o Céu? As quatro estações seguem os seus cursos, e todas as coisas são continuamente produzidas, mas diz o Céu alguma coisa?”

XVII.20

Zu Pei desejava ver Confúcio, mas Confúcio recusou-se a vê-lo, alegando estar doente. Quando o portador desta mensagem saiu pela porta, (o Mestre) tomou o seu alaúde e cantou com ele, para que Pei o ouvisse.

XVII.21

Tsai Wo perguntou sobre os três anos de luto pelos pais, dizendo que um ano era o bastante.

"Se o homem superior", disse ele, "se abstém durante três anos das práticas do decoro, essas práticas se perderão de todo. Se durante três anos se abstém da música, a música ficará arruinada.

"Num ano o grão velho se esgota e o grão novo já brotou e, ao obter fogo por fricção, passamos por todas as mudanças de madeira para esse fim. Depois de um ano completo, o luto pode parar."

O Mestre disse: "Se, depois de um ano, comesses bom arroz e vestisses roupas bordadas, sentir-te-ias em paz?" "Sentir-me-ia", respondeu Wo.

O Mestre disse: "Se podes sentir-te em paz, faze-o. Mas o homem superior, durante todo o período de luto, não goza da comida agradável que possa comer, nem tira prazer da música que possa ouvir. Também não se sente em paz se estiver confortavelmente alojado. Por isso não faz o que propões. Mas agora tu te sentes em paz e podes fazê-lo."

Tsai Wo saiu então, e o Mestre disse: "Isto mostra a falta de virtude de Yu. Só quando uma criança tem três anos lhe é permitido deixar os braços dos pais. E os três anos de luto são universalmente observados em todo o império. Não gozou Yu dos três anos de amor dos seus pais?"

XVII.22

O Mestre disse: “Difícil é lidar com quem se empanturra de comida o dia inteiro sem aplicar a mente a nada de bom! Não há jogadores e jogadores de xadrez? Ser um destes ainda seria melhor do que não fazer nada.”

XVII.23

Tsze-lu disse: “Estima o homem superior a bravura?” O Mestre disse: “O homem superior tem a retidão como da mais alta importância. Um homem em posição superior que tenha bravura sem retidão será culpado de insubordinação; um do povo baixo que tenha bravura sem retidão cometerá roubo.”

XVII.24

Tsze-kung disse: “Tem o homem superior também os seus ódios?” O Mestre disse: “Tem os seus ódios. Odeia os que proclamam o mal dos outros. Odeia o homem que, estando em posição baixa, calunia os seus superiores. Odeia os que têm meramente bravura e não observam o decoro. Odeia os que são atrevidos e determinados e, ao mesmo tempo, de entendimento estreito.”

O Mestre perguntou então: “Ts'ze, tens tu também os teus ódios?” Tsze-kung respondeu: “Odeio os que bisbilhotam os assuntos e atribuem o conhecimento à sua sabedoria. Odeio os que apenas não são modestos e pensam que são valentes. Odeio os que revelam segredos e pensam que são francos.”

XVII.25

O Mestre disse: “De todas as pessoas, as moças e os criados são os mais difíceis de tratar. Se fores familiar com eles, perdem a humildade. Se mantiveres reserva com eles, ficam descontentes.”

XVII.26

O Mestre disse: “Quando um homem aos quarenta anos é objeto de aversão, continuará sempre a ser o que é.”

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO XVIII

✦

XVIII.1

O Visconde de Wei retirou-se da corte. O Visconde de Chi tornou-se escravo de Chau. Pi-kan admoestou-o e morreu.

Confúcio disse: "A dinastia Yin possuiu estes três homens de virtude."

XVIII.2

Hui de Liu-hsia, sendo juiz criminal-chefe, foi três vezes demitido do cargo. Alguém lhe disse: "Não é ainda tempo, senhor, de deixardes isto?" Ele respondeu: "Servindo os homens de modo reto, aonde irei sem experimentar tal demissão três vezes repetida? Se escolher servir os homens de modo torto, que necessidade há de deixar o país dos meus pais?"

XVIII.3

O duque Ching de Ch'i, a respeito do modo como deveria tratar Confúcio, disse: "Não posso tratá-lo como trataria o chefe da família Chi. Tratá-lo-ei de modo intermediário entre o concedido ao chefe dos Chi e o dado ao chefe da família Mang." Disse também: "Sou velho; não posso usar as suas doutrinas." Confúcio partiu.

XVIII.4

O povo de Ch'i enviou a Lu um presente de músicas, que Chi Hwan recebeu, e durante três dias não se realizou a corte. Confúcio partiu.

XVIII.5

O louco de Ch'u, Chieh-yu, passou por Confúcio, cantando e dizendo: "Ó FANG! Ó FANG! Como degenerou a tua virtude! Quanto ao passado, a repreensão é inútil; mas o futuro ainda pode ser prevenido. Desiste da tua vã busca. Desiste da tua vã busca. O perigo espera os que agora se ocupam dos assuntos do governo."

Confúcio desceu e quis conversar com ele, mas Chieh-yu afastou-se apressado, de modo que não pôde falar com ele.

XVIII.6

Ch'ang-tsu e Chieh-ni trabalhavam juntos no campo, quando Confúcio passou por eles e mandou Tsze-lu perguntar pelo vau.

Ch'ang-tsu disse: "Quem é aquele que segura as rédeas no carro ali?" Tsze-lu disse-lhe: "É K'ung Ch'iu." "Não é K'ung Ch'iu de Lu?", perguntou ele. "Sim", foi a resposta, ao que o outro replicou: "Ele conhece o vau."

Tsze-lu perguntou então a Chieh-ni, que lhe disse: "Quem sois vós, senhor?" Ele respondeu: "Sou Chung Yu." "Não sois o discípulo de K'ung Ch'iu de Lu?", perguntou o outro.

"Sou", respondeu ele, e então Chieh-ni lhe disse: "A desordem, como uma enchente que cresce, espalha-se por todo o império, e quem é aquele que mudará o seu estado por vós? Em vez de seguir alguém que apenas se retira deste e daquele, não seria melhor seguir os que se retiraram de todo do mundo?" Dito isto, pôs-se a cobrir as sementes e continuou o seu trabalho, sem parar.

Tsze-lu foi relatar as suas observações, e o Mestre observou com um suspiro: "É impossível associar-se com as aves e os animais como se fossem iguais a nós. Se não me associo com estas pessoas — com a humanidade —, com quem me associarei? Se os princípios retos prevalecessem por todo o império, não haveria necessidade de eu mudar o seu estado."

XVIII.7

Tsze-lu, seguindo o Mestre, aconteceu de ficar para trás, quando encontrou um velho que carregava ao ombro, num bordão, um cesto para ervas. Tsze-lu disse-lhe: "Vistes o meu mestre, senhor?" O velho respondeu: "Os teus quatro membros não estão acostumados à labuta; não sabes distinguir as cinco espécies de grão: quem é o teu mestre?" Dito isto, cravou o bordão no chão e pôs-se a capinar.

Tsze-lu juntou as mãos sobre o peito e ficou de pé diante dele.

O velho reteve Tsze-lu para passar a noite em sua casa, matou uma galinha, preparou painço e ofereceu-lhe um banquete. Apresentou-lhe também os seus dois filhos.

No dia seguinte, Tsze-lu seguiu o seu caminho e relatou a aventura. O Mestre disse: "É um recluso", e mandou Tsze-lu voltar para vê-lo de novo, mas, quando ele chegou ao lugar, o velho tinha partido.

Tsze-lu disse então à família: "Não aceitar cargo não é justo. Se as relações entre velhos e jovens não podem ser negligenciadas, como é que ele põe de lado os deveres que devem ser observados entre soberano e ministro? Desejando manter a sua pureza pessoal, deixa que essa grande relação caia na confusão. O homem superior aceita o cargo e cumpre os deveres justos que lhe pertencem. Quanto ao fracasso dos princípios retos em progredir, ele está ciente disso."

XVIII.8

Os homens que se retiraram do mundo para a vida privada foram Po-i, Shu-ch'i, Yu-chung, I-yi, Chu-chang, Hui de Liu-hsia e Shao-lien.

O Mestre disse: "Recusando-se a renunciar à sua vontade ou a submeter-se a qualquer mácula na sua pessoa: assim, creio, eram Po-i e Shu-ch'i.

"Pode-se dizer de Hui de Liu-hsia e de Shao-lien que renunciaram à sua vontade e se submeteram à mácula na sua pessoa, mas as suas palavras correspondiam à razão e as suas ações eram tais que os homens anseiam por ver. Isto é tudo o que há a notar neles.

"Pode-se dizer de Yu-chung e de I-yi que, enquanto se escondiam no seu retiro, davam licença às suas palavras; mas, nas suas pessoas, conseguiram preservar a sua pureza e, no seu retiro, agiram segundo a exigência dos tempos.

"Eu sou diferente de todos estes. Não tenho caminho para o qual esteja predeterminado, nem caminho contra o qual esteja predeterminado."

XVIII.9

O grande mestre de música, Chih, foi para Ch'i.

Kan, mestre da banda na segunda refeição, foi para Ch'u. Liao, mestre da banda na terceira refeição, foi para Ts'ai. Chueh, mestre da banda na quarta refeição, foi para Ch'in.

Fang-shu, o mestre do tambor, retirou-se para o norte do rio.

Wu, o mestre do tamboril, retirou-se para o Han.

Yang, o mestre de música assistente, e Hsiang, mestre da pedra musical, retiraram-se para uma ilha no mar.

XVIII.10

O duque de Chau dirigiu-se ao seu filho, o duque de Lu, dizendo: "O príncipe virtuoso não negligencia os seus parentes. Não faz os grandes ministros queixarem-se de não os empregar. Sem alguma grande causa, não demite dos seus cargos os membros das famílias antigas. Não procura num só homem talentos para todos os empregos."

XVIII.11

A Chau pertenciam os oito oficiais Po-ta, Po-kwo, Chung-tu, Chung-hwu, Shu-ya, Shu-hsia, Chi-sui e Chi-kwa.

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO XIX

✦

XIX.1

Tsze-chang disse: “O erudito, formado para o dever público, vendo um perigo ameaçador, está pronto a sacrificar a vida. Quando se lhe apresenta a oportunidade de ganho, pensa na retidão. Ao sacrificar, os seus pensamentos são reverentes. No luto, os seus pensamentos estão na dor que deve sentir. Tal homem merece de fato a nossa aprovação.”

XIX.2

Tsze-chang disse: “Quando um homem se atém à virtude, mas sem procurar ampliá-la, e crê nos princípios retos, mas sem sinceridade firme, que conta se pode fazer da sua existência ou inexistência?”

XIX.3

Os discípulos de Tsze-hsia perguntaram a Tsze-chang sobre os princípios que devem caracterizar o trato mútuo. Tsze-chang perguntou: “Que diz Tsze-hsia sobre o assunto?” Eles responderam: “Tsze-hsia diz: ‘Associa-te com os que te podem ser vantajosos. Afasta de ti os que não o podem.’” Tsze-chang observou: “Isto é diferente do que aprendi. O homem superior honra os talentosos e virtuosos e tem paciência com todos. Louva os bons e tem pena dos incapazes. Possuo eu grandes talentos e virtude? — quem há entre os homens com quem eu não tenha paciência? Sou desprovido de talentos e virtude? — os homens me afastarão de si. Que temos nós a ver com afastar os outros?”

XIX.4

Tsze-hsia disse: “Mesmo nos estudos e empregos inferiores há algo que vale a pena ser olhado; mas, se se tentar levá-los ao que é remoto, há o perigo de se mostrarem inaplicáveis. Por isso o homem superior não os pratica.”

XIX.5

Tsze-hsia disse: “Daquele que, de dia para dia, reconhece o que ainda não tem e, de mês para mês, não esquece o que alcançou, pode-se de fato dizer que ama aprender.”

XIX.6

Tsze-hsia disse: “Há o estudar amplamente e ter um propósito firme e sincero; o indagar com seriedade e o refletir aplicando a si mesmo: a virtude está em tal caminho.”

XIX.7

Tsze-hsia disse: “Os artesãos têm as suas oficinas onde morar para realizar as suas obras. O homem superior estuda para chegar ao máximo dos seus princípios.”

XIX.8

Tsze-hsia disse: “O homem mesquinho certamente disfarça as suas faltas.”

XIX.9

Tsze-hsia disse: “O homem superior passa por três mudanças. Visto de longe, parece severo; quando se aproxima, é brando; quando se ouve falar, a sua linguagem é firme e decidida.”

XIX.10

Tsze-hsia disse: “O homem superior, tendo obtido a confiança do seu povo, pode então impor-lhe trabalhos. Se não tiver ganho a sua confiança, pensarão que os está oprimindo. Tendo obtido a confiança do seu príncipe, pode-se então admoestá-lo. Se não tiver ganho a sua confiança, o príncipe pensará que o está difamando.”

XIX.11

Tsze-hsia disse: “Quando uma pessoa não transgride a linha divisória nas grandes virtudes, pode passá-la e repassá-la nas pequenas virtudes.”

XIX.12

Tsze-yu disse: “Os discípulos e seguidores de Tsze-hsia, ao aspergir e varrer o chão, ao responder e replicar, ao avançar e recuar, são suficientemente versados. Mas estes são apenas os ramos do saber, e ficam ignorantes do que é essencial. Como podem ser reconhecidos como suficientemente ensinados?”

Tsze-hsia ouviu a observação e disse: “Ai! Yen Yu está errado. Segundo o caminho do homem superior no ensino, que matérias há que ele considere de importância primordial e transmita? Que há que considere de importância secundária e sobre as quais se permita ser ocioso? Mas, como no caso das plantas, que são agrupadas segundo as suas classes, assim ele trata os seus discípulos. Como pode o caminho de um homem superior ser tal que faça de algum deles um tolo? Não é só o sábio quem pode unir num só o começo e a consumação do saber?”

XIX.13

Tsze-hsia disse: “O oficial, tendo cumprido todos os seus deveres, deve dedicar o seu tempo livre ao estudo. O estudante, tendo completado o seu estudo, deve aplicar-se a ser oficial.”

XIX.14

Tsze-hsia disse: “O luto, tendo sido levado ao grau máximo de dor, deve parar aí.”

XIX.15

Tsze-hsia disse: “O meu amigo Chang consegue fazer coisas difíceis de fazer, mas, ainda assim, não é perfeitamente virtuoso.”

XIX.16

O filósofo Tsang disse: “Quão imponentes são os modos de Chang! É difícil praticar a virtude junto com ele.”

XIX.17

O filósofo Tsang disse: “Ouvi isto do nosso Mestre: ‘Os homens podem não ter mostrado plenamente o que há neles e, porém, se verá que o fazem por ocasião do luto pelos pais.’”

XIX.18

O filósofo Tsang disse: “Ouvi isto do nosso Mestre: ‘A piedade filial de Mang Chwang, em outros assuntos, era aquilo de que outros homens são capazes; mas, como se vê no não mudar os ministros do pai nem o modo de governo do pai, é difícil de alcançar.’”

XIX.19

Tendo o chefe da família Mang nomeado Yang Fu juiz criminal-chefe, este consultou o filósofo Tsang. Tsang disse: “Os governantes falharam nos seus deveres, e o povo, por isso, está desorganizado há muito tempo. Quando descobrires a verdade de alguma acusação, aflige-te e tem pena deles, e não sintas alegria pela tua própria capacidade.”

XIX.20

Tsze-kung disse: “A maldade de Chau não foi tão grande quanto esse nome dá a entender. Por isso o homem superior detesta morar num lugar baixo, onde todo o mal do mundo fluirá sobre ele.”

XIX.21

Tsze-kung disse: “As faltas do homem superior são como os eclipses do sol e da lua. Ele tem as suas faltas, e todos os homens as veem; muda de novo, e todos os homens erguem os olhos para ele.”

XIX.22

Kung-sun Ch'ao de Wei perguntou a Tsze-kung, dizendo: “De quem recebeu Chung-ni o seu saber?”

Tsze-kung respondeu: “As doutrinas de Wan e Wu ainda não caíram por terra. Encontram-se entre os homens. Os homens de talento e virtude lembram os seus princípios maiores, e outros, que não têm tal talento e virtude, lembram os menores. Assim, todos possuem as doutrinas de Wan e Wu. Aonde poderia ir o nosso Mestre sem ter oportunidade de aprendê-las? E que necessidade havia de ele ter um mestre regular?”

XIX.23

Shu-sun Wu-shu observou aos grandes oficiais na corte, dizendo: “Tsze-kung é superior a Chung-ni.”

Tsze-fu Ching-po relatou a observação a Tsze-kung, que disse: “Deixai-me usar a comparação de uma casa e do muro que a cerca. O meu muro só chega aos ombros. Pode-se espreitar por cima dele e ver o que quer que haja de valioso nos aposentos.

“O muro do meu Mestre tem várias braças de altura. Se não se encontrar a porta e não se entrar por ela, não se pode ver o templo ancestral com as suas belezas, nem todos os oficiais nos seus ricos trajes.

“Mas posso supor que são poucos os que encontram a porta. Não era a observação do chefe exatamente o que se podia esperar?”

XIX.24

Tendo Shu-sun Wu-shu falado injuriosamente de Chung-ni, Tsze-kung disse: “De nada serve fazê-lo. Chung-ni não pode ser injuriado. Os talentos e a virtude dos outros homens são outeiros e montículos que se podem passar por cima. Chung-ni é o sol ou a lua, que não é possível passar por cima. Ainda que um homem deseje separar-se do sábio, que dano pode fazer ao sol ou à lua? Só mostra que não conhece a sua própria capacidade.”

XIX.25

Ch'an Tsze-ch'in, dirigindo-se a Tsze-kung, disse: “És modesto demais. Como se pode dizer que Chung-ni é superior a ti?”

Tsze-kung disse-lhe: “Por uma palavra um homem é muitas vezes tido por sábio, e por uma palavra é muitas vezes tido por tolo. Devemos de fato ter cuidado com o que dizemos.

“O nosso Mestre não pode ser alcançado, assim como não se pode subir ao céu pelos degraus de uma escada.

“Se o nosso Mestre estivesse na posição de governante de um Estado ou de chefe de uma Família, veríamos confirmada a descrição que se faz do governo de um sábio: ele plantaria o povo, e logo estaria firmado; conduzi-lo-ia, e logo o seguiria; torná-lo-ia feliz, e logo multidões acorreriam aos seus domínios; estimulá-lo-ia, e logo estaria em harmonia. Enquanto vivesse, seria glorioso. Quando morresse, seria amargamente pranteado. Como é possível alcançá-lo?”

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO XX

✦

XX.1

Yao disse: “Oh! tu, Shun, a ordem de sucessão determinada pelo Céu repousa agora na tua pessoa. Mantém sinceramente o justo Meio. Se houver aflição e necessidade dentro dos quatro mares, a receita Celeste chegará a um fim perpétuo.”

Shun também usou a mesma linguagem ao dar o encargo a Yu.

T'ang disse: “Eu, o filho Li, ouso usar uma vítima de cor escura e ouso anunciar-Te, ó Deus grandíssimo e soberano, que o pecador não ouso perdoar, e os teus ministros, ó Deus, não mantenho na obscuridade. O exame deles é pela tua mente, ó Deus. Se, na minha pessoa, cometo ofensas, não devem ser atribuídas a vós, povo das miríades de regiões. Se vós, nas miríades de regiões, cometeis ofensas, essas ofensas devem repousar sobre a minha pessoa.”

Chau conferiu grandes dons, e os bons foram enriquecidos.

“Embora tenha os seus parentes próximos, não se igualam aos meus homens virtuosos. O povo lança a culpa sobre mim, o Homem Único.”

Cuidou atentamente dos pesos e medidas, examinou o corpo das leis, restaurou os oficiais descartados, e o bom governo do reino seguiu o seu curso.

Reviveu Estados que tinham sido extintos, restaurou famílias cuja linha de sucessão fora interrompida e chamou ao cargo os que se tinham retirado para a obscuridade, de modo que em todo o reino os corações do povo se voltaram para ele.

O que considerava de importância primordial eram o alimento do povo, os deveres do luto e os sacrifícios.

Pela sua generosidade, conquistou a todos. Pela sua sinceridade, fez o povo depositar confiança nele. Pela sua atividade diligente, os seus feitos foram grandes. Pela sua justiça, todos se alegraram.

XX.2

Tsze-chang perguntou a Confúcio, dizendo: "De que modo deve agir uma pessoa com autoridade para conduzir devidamente o governo?" O Mestre respondeu: "Que honre as cinco coisas excelentes e bana as quatro coisas más; então poderá conduzir devidamente o governo." Tsze-chang disse: "Que se entende pelas cinco coisas excelentes?"

O Mestre disse: "Quando a pessoa com autoridade é benéfica sem grande gasto; quando impõe tarefas ao povo sem que este se queixe; quando busca o que deseja sem ser cobiçosa; quando mantém uma descontração digna sem ser orgulhosa; quando é majestosa sem ser feroz."

Tsze-chang disse: "Que se entende por ser benéfico sem grande gasto?" O Mestre respondeu: "Quando a pessoa com autoridade torna mais benéficas para o povo as coisas de que ele naturalmente tira proveito, não é isto ser benéfico sem grande gasto? Quando escolhe os trabalhos que são próprios e o faz trabalhar neles, quem se queixará? Quando os seus desejos estão postos num governo benevolente e ele o assegura, quem o acusará de cobiça? Quer tenha a ver com muita gente ou pouca, ou com coisas grandes ou pequenas, não ousa mostrar desrespeito algum; não é isto manter uma descontração digna sem orgulho?

Ajusta as roupas e o barrete e dá dignidade ao olhar, de modo que, assim dignificado, é olhado com temor; não é isto ser majestoso sem ser feroz?"

Tsze-chang perguntou então: "Que se entende pelas quatro coisas más?" O Mestre disse: "Condenar o povo à morte sem tê-lo instruído: isto se chama

crueldade. Exigir dele, subitamente, a conta completa do trabalho, sem tê-lo avisado: isto se chama opressão. Dar ordens, a princípio, como se sem urgência e, quando chega a hora, insistir nelas com severidade: isto se chama dano. E, em geral, ao dar pagamento ou recompensas aos homens, fazê-lo de modo mesquinho: isto se chama fazer o papel de mero funcionário."

XX.3

O Mestre disse: "Sem reconhecer os decretos do Céu, é impossível ser um homem superior.

"Sem conhecer as regras do Decoro, é impossível que o caráter seja firmado.

"Sem conhecer a força das palavras, é impossível conhecer os homens."

Une Sacra · edição 1.6 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0